

3ª COLETÂNEA DE POESIA, CORDEL, CONTOS E CRÔNICAS DO IFPB

Homenagem à Maria Valéria Rezende e
Kydelmir Dantas de Oliveira

Organização:

Erivan Lopes Tomé Júnior

José Aldo Ribeiro da Silva

Francisca Luana Rolim Abrantes

Israel Newton da Costa Pereira

Virna Lucia Cunha de Farias

 editora **IFPB**



Organização:

Erivan Lopes Tomé Júnior
José Aldo Ribeiro da Silva
Francisca Luana Rolim Abrantes
Israel Niwton da Costa Pereira
Virna Lucia Cunha de Farias

3ª Coletânea de Poesia, Cordel, Contos e Crônicas do IFPB

Homenagem à **Maria Valéria Rezende e
Kydelmir Dantas de Oliveira**



João Pessoa – PB
2025



4.0 Internacional

Esta licença permite o download e o compartilhamento da obra desde que sejam atribuídos créditos ao(s) autor(es), sem possibilidade de alterá-la ou utilizá-la para fins comerciais.



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA

REITORA

Mary Roberta Meira Marinho

PRÓ-REITORA DE PESQUISA INOVAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO

Silvana Luciene do Nascimento Cunha Costa

PRÓ-REITOR DE ENSINO

Neilor Cesar dos Santos

PRÓ-REITORA DE EXTENSÃO E CULTURA

Maria José Batista Bezerra de Melo

PRÓ-REITORA DE ASSUNTOS ESTUDANTIS

Anna Clara Feliciano Mendonça

PRÓ-REITORA DE ADMINISTRAÇÃO E FINANÇAS

Maria Cleidenedia Moraes Oliveira

DIRETOR EXECUTIVO DA EDITORA IFPB

Carlos Danilo Miranda Regis

DIAGRAMAÇÃO E CAPA

Clara Kizzy Gomes dos Santos

REVISÃO TEXTUAL

Erivan Lopes Tomé Júnior

José Aldo Ribeiro da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Ficha catalográfica elaborada na Editora IFPB por Valmira Perucchi CRB/15 – 240

C694 3ª Coletânea de poesia, cordel, contos e crônicas do IFPB: homenagem à Maria Valéria Rezende e Kydelmir Dantas de Oliveira / Erivan Lopes Tomé Junior; José Aldo Ribeiro da Silva; Francisca Luana Rolin Abrantes; Israel Nilton da Costa Pereira e Vima Lucia Cunha de Farias (Orgs.) – João Pessoa: Editora IFPB, 2025.

103 p.: il.

ISBN: 978-65-87572-84-0 (E-book)

1. Literatura brasileira. 2. Poesia. 3. Cordel. 4. Contos. 5. Crônicas. 6. Instituto Federal da Paraíba - IFPB. 7. Maria Valéria Rezende. 8. Kydelmir Dantas de Oliveira. I. Tomé Junior, Erivan Lopes. II. Silva, José Aldo Ribeiro da. III. Abrantes, Francisca Luana Rolin. IV. Pereira, Israel Nilton da Costa. V. Farias, Vima Lucia Cunha de.

CDU: 82(81)

EDITORA ASSOCIADA À



Av. João da Mata, 256 - Jaguaribe
CEP: 58015-020, João Pessoa - Paraíba
Fone: (83) 3612-9722 | E-mail: editora@ifpb.edu.br

Sumário

Apresentação

Poesia

A alma pulsa Extensão e Cultura	10
A tristeza do estupro	11
agonia do eros : palco a dois ou] pra quem disse que só faço poema curto[	12
Arquitetura da Pessoa	14
Desafios do Sertão	15
DTFON (versos à prova de inseticida)	16
Entre instantes e memórias	19
Faço Poesia	20
Filho...fruto	21
Grelina - O hormônio da fome	22
Hoje eu conheci o seu desprezo - Parte I	23
Interregno	24
Maternalmente Eu	30
Meu sangue é Preto	31
Noite	33
O Eremita	36
Progresso	37
Quebradiço	39
Recordar	40
Poesia - Ser Nordeste Raiz	44
Te amo...	47
Um só Presente	48
Visão Turva	49

Cordel

A morte de um Jucá	52
Casebres abandonados	56
Cinderela do Sertão	59
"Cine Salão de Adonias"	64
Cordel: Ceará Radioativo!	67
Homenagem Merecida	75
Cordel: Menino do Sertão	79
O velho e o juazeiro	81
Palavra que Não Se Cala	84
Somos passado, presente e futuro	87

Contos

A Carta e a Rainha Louca	92
O artesanato quebrado	97
Terra Fértil	107

Crônicas

Humanidade em quatro patas	110
Muito além dos muros e tetos.	112
Saga do acarajé	114
SUAS MEMÓRIAS, MINHAS MEMÓRIAS!	119

Apresentação

Lugar de encontro entre raízes e horizontes, eis que chega ao leitor a III Coletânea de Poesia, Cordel, Contos e Crônicas do IFPB, obra que celebra o compromisso do Instituto Federal da Paraíba com a valorização da literatura brasileira contemporânea nas suas mais variadas expressões. Em suas páginas, estão reunidos os textos de 40 autores e autoras, selecionados pela curadoria atenta de especialistas para fornecer ao público um panorama da efervescência literária que atravessa o nosso tempo.

As produções aqui reunidas são fruto do 4º Concurso Literário do IFPB, um evento que, desde a primeira edição, vem entusiasmando escritoras e escritores do estado da Paraíba e de outras partes do Brasil a compartilharem as suas produções, instigados pela possibilidade de levarem engenho e arte para um número cada vez maior de pessoas. A continuidade do concurso e o recebimento de mais de 70 inscrições no ano de 2025 atestam a sua relevância enquanto espaço de exaltação das vozes literárias insurgentes no cenário artístico nacional e também o seu papel enquanto gesto de valorização do trabalho de intelectuais já consolidados na cena cultural contemporânea.

A competição acolhe as produções de poetas, cordelistas, contistas e cronistas, tendo como uma de suas mais importantes marcas a comunhão entre diferentes gêneros literários e perspectivas autorais, daí a pluralidade que enriquece as páginas desta antologia, na qual estão reunidos os textos dos autores e autoras premiados em sua quarta edição. Figuram como homenageados desta iniciativa os escritores Maria Valéria Rezende e Kydelmir Dantas – intelectuais cuja dedicação inspira as novas gerações de artistas da palavra, tanto pela qualidade de suas produções quanto pelo compromisso que demonstram com o incentivo à arte e à cultura no estado da Paraíba e no cenário nacional.

Maria Valéria Rezende é uma escritora nascida em São Paulo e radicada na Paraíba, com vasta contribuição para a literatura brasileira. Reconhecida nacional e internacionalmente, iniciou sua trajetória literária com a publicação de “Vasto Mundo” e, desde então, vem conquistando um número cada vez mais expressivo de leitores e premiações. Sua trajetória escritural transita por diferentes gêneros literários em verso e prosa e tem como uma de suas preocupações centrais os desafios enfrentados pelas mulheres ao longo da história. Com produção multifacetada, é autora de obras direcionadas a públicos diversos, dentre as quais é imprescindível destacar os livros “O voo da Guará Vermelha”, “Quarenta dias”, “Outros Cantos”, “Carta à Rainha Louca”, “Conversa de passarinhos” e “Ouro dentro da cabeça”, sendo os dois últimos destinados ao público infantojuvenil. Além disso, é uma das idealizadoras do coletivo “Mulherio das Letras”, que vem desenvolvendo iniciativas de

grande importância para a valorização da produção intelectual de autoria feminina no Brasil.

Kydelmir Dantas de Oliveira é poeta popular e ativista cultural. Nascido em Nova Floresta, na Paraíba, vem contribuindo expressivamente para a valorização da literatura de cordel e da poesia matuta no Nordeste brasileiro. Filho de um agricultor e de uma professora, é um autor que entrelaça terra e letra na celebração da cultura popular brasileira. Nesse sentido, além de ter composto significativo número de folhetos de cordel, organizou obras fundamentais, como o livro “Ariano Suassuna na literatura de cordel”, e vem fazendo intervenções sobre temáticas como cangaço, meio ambiente, reciclagem, recuperação de áreas degradadas, música e cinema, tendo contribuído para ampliar a produção acadêmica sobre esses temas também por intermédio da organização de livros e da composição de textos ensaísticos.

O legado multifacetado que vem sendo construído pelos nossos homenageados é referência nas letras nacionais e dialoga intensamente com o propósito da competição que deu origem a esta coletânea: celebrar o Brasil real, em suas expressões artísticas, lutas, saberes e modos de existência, para lançar luz sobre a diversidade cultural que ultrapassa as páginas oficializadas pelo selo das grandes editoras. Se como sugeriu Machado de Assis e reforçou Ariano Suassuna, existe um Brasil além do enaltecido pelas solenidades patrióticas e este precisa ter o seu valor reconhecido pela intelectualidade brasileira, as editoras exercem um trabalho fundamental para a efetivação desse reconhecimento. E é no cumprimento dessa missão que se firma esta obra. Nesse sentido, a opção por reunir quatro gêneros literários – cordel, poema, conto e crônica – é uma escolha estratégica, pois demonstra diferentes nuances do trabalho com a linguagem artística, ao mesmo tempo em que reverencia formas de relação com a escrita fundamentais para a trajetória da literatura brasileira.

Na primeira seção deste livro, o leitor encontrará o cordel, esse gênero literário que tão fortemente se enraizou no Nordeste brasileiro e vem florescendo nas páginas de folhetos e também nas virtuais, tamanha fertilidade do solo nacional ao recebê-lo. A essa altura, Valdí Medeiros, Isabelle Diniz, Gorete Lira, João Vitor de Almeida, Cicero Dias, Fabiano Costa, Luis Soares, Nilda Lopes, José Ferreira Neto e José William Chaves ofertarão um generoso panorama das ramificações dos versos populares na conjuntura atual, em um conjunto de textos para ser saboreado com a atenção devotada às raízes e o cuidado dedicado ao manejo das flores, haja vista a conciliação de força e delicadeza no trabalho desenvolvido pelo grupo de cordelistas.

A segunda parte da obra é dedicada aos poemas. Nela, está reunida uma profusão de vozes, alinhadas pelo lirismo, harmonizadas pelo poético, em um grandioso coral que dá conta da grandeza do poema enquanto expressão literária de nossa época. Amanda Galvão, Johniere Ribeiro, Ashley Silva, Jordânia Pereira, Perla Alves, Cecília Ferreira, Marcelo

Lima, Emilly Ribeiro, Maria José Justiniano, Jacquelino Nascimento, Eloá Bezerra, Livia Carneiro, Theo dos Santos, Arthur Vasconcelos, Kauã Pereira da Silva, Irlanda Vieira, Janaína Lima, Marcos Aguiar, Vallérya de Sousa, João Pedro Nascimento, Salmo Matias, Sérgio Miranda Filho e Carlos Eduardo da Silva. São esses os nomes em torno da lira que encanta e desperta o prazer do poema em nossa antologia, fornecendo um grandioso vislumbre dos frutos produzidos entre Gonçalves Dias e Angélica Freitas, dois grandes representantes do poder da palavra poética em território brasileiro.

No terceiro momento da coletânea, em torno da fogueira, estão reunidos os contistas. É a hora e a vez dos narradores dedicados ao conto, gênero a um só tempo tão genuinamente brasileiro e tão reconhecidamente universal. Raoni Lucena, Marina Rangel e Simone Simões convidam o leitor a uma imersão no ato de narrar e o conduzem pelas veredas da ficção. Os caminhos trilhados pelos autores são muito singulares, seguem direções próprias, apesar de se apoiarem na figura milenar comum do narrador, e demonstram a fertilidade dos campos inventivos que vêm sendo percorridos pelos prosadores contemporâneos. Nesse sentido, lavram a terra para a frutificação das textualidades que encerram o livro: as crônicas.

Julio Cesar Rolim, Luciano Costa, José Moacir Silva e Maria Theresa Rangel são os encarregados pelos gestos narrativos que encerraram a obra. A posição que ocupam no livro não é por acaso. É com as crônicas, gênero narrativo mais estritamente ligado ao cotidiano e ao tempo presente, que optamos por dizer “até breve”, convidando o leitor a acompanhar os próximos concursos literários de nossa instituição e perceber os atravessamentos do literário em sua rotina, já que os cronistas convocados às páginas deste livro demonstram que, tal como apregoam os versos de Manoel de Barros, também as situações supostamente “desimportantes” são a matéria vertente de que a arte se nutre, pois, como bem ensina João Guimarães Rosa, “quando nada acontece, há um milagre que não estamos vendo”. Os textos produzidos pelos prosadores em foco demonstram o fôlego e a vitalidade de um gênero literário popularizado pelos jornais impressos, que agora conquista outros espaços nos suportes virtuais e para além deles.

Em síntese, a presente coletânea é um convite para que o leitor conheça alguns dos nomes que vêm mobilizando a cena literária contemporânea. Um grupo de artesãos da palavra que, percorrendo os caminhos abertos pelos trabalhos de Maria Valéria Rezende e Kydelmir Dantas, vêm honrando o compromisso com a escrita literária, tão cara ao fortalecimento da sensibilidade e da delicadeza que assinalam a nossa condição. A reunião desse coletivo literário foi possível graças ao empenho de uma equipe de profissionais engajados com a formação de leitores no Instituto Federal da Paraíba e para além dos seus muros, entre os quais é indispensável citar Cícero Luciano, Cyran Cunha, Deyseane Araújo, Erivan Lopes, Francisca Luana Abrantes, Israel Niwton Pereira, José Aldo Ribeiro e Virna Lúcia Farias, primeiros leitores

dos textos que deram origem a este livro e servidores engajados na organização do 4º Concurso Literário do IFPB. Além deles, é fundamental reconhecer o engajamento da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da instituição, que, por intermédio de seu compromisso com a promoção de um efetivo incentivo às políticas culturais no território paraibano e no Brasil, forneceu suporte irrestrito para a realização desta coletânea.

Por tudo isso, desejamos que a leitura desta obra, como nos ensinam as raízes, seja, para o leitor, um abraço à terra de suas origens, solo firme em que florescem suas paixões e afetos. Somente assim, o olhar poético que aproxima as escritas aqui reunidas cumprirá seu torto encanto, descortinando horizontes infinitos em belezas e descobertas.

Poesia

A alma pulsa Extensão e Cultura

Kauã Pereira

No coração da comunidade,
nasce um gesto de partilha,
um saber que se estende,
um cuidado que semeia trilhas.

A extensão é ponte aberta,
leva o estudo até o chão,
faz da teoria esperança,
transforma ideia em ação.

A cultura é chama viva,
não se copia, não se repete,
é memória que pulsa no povo,
é raiz que ninguém esquece.

Projetos que tocam vidas,
respeitam vozes, histórias, cores,
fazem da escola e da
rua um jardim cheio de flores

Extensão é mão que alcança,
cultura é alma que canta,
juntas constroem caminhos
onde a vida se agiganta.

(Sobre o autor: Kauã Pereira da Silva, estudante do IFPB, Princesa Isabel-PB)

A tristeza do estupro

Maria José Vital Justiniano

Peito aberto
O Coração fora do lugar
Pulsa fracamente
Fora violentada...
Com um suor frio
Foge do local descalça e nua

Lágrimas
Descem no rosto
E se misturam ao sangue das mãos
Que se sujaram
Há tristeza na alma
Dor física ...

Oh! Não soluça mais
Apenas sente
A pior mulher da terra
O ser humano mais humilhado
Uma desgraçada...
e...tem nojo de si.

(Sobre a autora: Maria José Vital Justiniano, escritora, Patos - PB)

agonia do eros : palco a dois ou] pra quem disse que só faço poema curto[

Johniere Alves Ribeiro

redescobrir o azul mais que azul] palco
 de dois [
 no fora da tela
 como quem rever adolescência
 no
 ol
 ho
 mágico entre as mãos
 deslembrar o algoritmo no ritmo de um rito
 bêbado de disritmia
 redescobrir O
 "pássaro onírico que choca o O v O da expe-
 riência "
 fazer de conta que contém o longe
 sem ter onde ir no andar mundo
 entender que no bojo do
 agora
 "falta a força conclusiva = o poder afinado da
 decisão"
 tal qual
 cupidez revolucionária em que
 e
 r
 o
 s é o medium vanguardeiro da sedi-
 ção no corpo nu da linguagem
 e
 ali
 redescobrir o azul mais que azul de boa mesmo
 ou num jab frente ao "nível zero do liso
 absoluto"
 de forma simples consumir
 "que a negatividade em Hegel presentifica-se com
 dor"
 mas - @ s s i m m ; e ; s ; m ; o . -
 redescobrir o azul mais que azul no pós-algoritmo na agonia feito
 cegos no castelo feito cegos num livro de saramago visionário distinto
 da cegueira branca feito o cego no nome da rosa que se movia no la-
 birinto arrastando escadas de desejos e que também nas pontas dos
 dedos engolia o veneno pigarro de página cego salteador de risos
 travosos que nem os da hiena

mas redescobrir o azul é ter a claridade de que :

“ não há poema
sem acidente
não há poema
que não se abra como uma ferida
não há poema
contudo
que por sua vez também não fira
] sem ferimento não há
nem poesia nem arte [

(Sobre o autor: Johniere Alves Ribeiro, professor da rede pública, Campina Grande - PB)

Arquitetura da Pessoa

Sérgio Bernardo

Os que dançam com a música
oposta ao silêncio de dentro
quando em estado de espera
pela inovação de um pensamento
movimentam (no mundo) as coisas:
são também preparo e trabalho.

Estes estarão sempre conduzindo
os que fabricam sonhos comuns
e a apenas um passo de serem
geradores de realidades
muito melhor inventadas
com análise e o pleno uso
da ideia capaz de salvamento.

Eles e elas farão existir a pessoa
que nada teme nem oculta
e que transforma as paisagens gastas.

Uma pessoa que vive entre nós
respirando utopias alcançáveis
e somente as faz vitais por ser
um ventríloquo de si mesmo.

(Sobre o autor: Sérgio Corrêa Miranda Filho, escritor, Nova Friburgo - RJ)

Desafios do Sertão

Emilly Rafaela Melo Ribeiro

O povo do Nordeste é forte,
Carrega na alma a luz;
Mesmo a seca sendo dura,
A esperança o conduz.
Do suor nasce a grandeza,
E a coragem reproduz.

Com a enxada na mão firme,
Enfrenta o sol escaldante,
Mas não perde a esperança,
Segue sempre confiante,
Pois acredita que um dia
Vem a chuva abundante.

Asa-branca voa no céu a brilhar,
No sertão, símbolo de dor,
Mas carrega a esperança a não cessar;
No peito, o sonho é maior que o amor.
Voa distante, buscando o seu lugar,
Na vida, a fé sempre vence a dor.

Quando a chuva enfim chega,
A esperança renasce então;
Verdeia a terra seca,
O roçado cria união.
O sertão sorri contente,
E a tristeza vai embora então.

E assim o sertão resiste,
Com coragem a se renovar.
O povo, firme, persiste,
Nunca deixa de sonhar.
Entre o sol e a tempestade,
A vida sempre vai brotar.

(Sobre a autora: Emilly Rafaela Melo Ribeiro, estudante do IFPB, Cuité - PB)

DTFON (versos à prova de inseticida)

Mana Galvão

Nas sombras da cidade, uma dança sutil,
Baratas, as artistas, de impetuoso passo.
Tão pequeninas, mas atrevidas,
Desfilam nas sombras, em busca de alegria.

São ninguém.
São locais.
Nós somos.
Anônimas.
Eu sou
Zé.

Sem o respeito de um *pet* querido,
Sem o de um vira-lata sarnento.
As baratas estão
Sem garantias,
Sem aplausos,
Sem luz.

Seu pagamento? Meia marmitta fria.

Desprezadas por muitos,
Elas seguem firmes,
Enfrentam o medo.

E dão medo.
Especialmente quando alçam voo
Numa sabedoria instintiva.

Quando o mundo desaba,
E o caos reina,
Essas criaturas teimosas
Não param o corpo de baile.

Elas não seguem a linha reta.
Ziguezagueiam em protesto.
Sobreviventes do horror,
Mostram o que é resistência.
Na gritaria da crítica, elas seguem a trilha,
Serenas (às vezes nem tanto),
Ensinando que é
Só mais um NÃO.
Entre tantas chineladas.

São feias demais para o *feed*.
Elas vivem no subsolo.
E no submundo, subvertem,
Brilham onde ninguém encara.

Persistem
Com um brilho interior.
Sonham
Com uma ração
garantida pela sua correria.

Enquanto os anúncios vendem pureza,
Enquanto a cidade se esteriliza,
Elas ensaiam.
A cidade borrrifa seu veneno,
E elas borrrifam pixo.

Elas rastejam por entre os azulejos
Como notas fora da pauta
De uma música que ninguém quer ouvir.

Movendo-se em bloco,
São um exército valente:
Pisam o lixo como
Quem pisa no palco.

Sabe aquele brilho repulsivo
De baratas à meia luz cintilando
Com suas cascas duras e lisas?
É tudo o que temos.
A Lua refletindo o Sol
Não saberia aproveitar tanto
A oportunidade como nós.

Ainda sim, as baratas não...
Não sabem
Se amanhã vai ter pão,
Um pouquinho de açúcar.
Mesmo com tanto trabalho
Com tanta correria,
Só sobrevivem.

Mas aposto que se um dia vier o fim
Num ataque nuclear,
Serão as baratas que hão de prevalecer.

Entre tantas danças sem par,
E tantas deixas sem resposta,
Ainda ensinam encanto
A quem se abaixa
E se deixa tocar
Por essa cena marginal.

(Sobre a autora: Amanda Lopes Galvão, João Pessoa-PB)

Entre instantes e memórias

Vallérya Yohana Eufrazio de Sousa

Os dias passam como vento,
Entre risos e queixas pequenas,
E quase não notamos
Que cada instante já se torna memória.

Às vezes dizemos que o fim nunca chega,
Mas o tempo, discreto,
Já abre portas que nem percebemos.

O que hoje parece rotina cansativa
Se transforma em lembrança valiosa:
As piadas no meio da aula,
As conversas no corredor,
Os abraços que aliviam qualquer cansaço.

Logo, estaremos em outros caminhos,
E tudo isso ficará guardado,
Não como peso,
Mas como um tempo bonito
Que marcou quem somos
E seguirá vivo em nós.

(Sobre a autora: Vallérya Yohana Eufrazio De Sousa estudante do IFPB, Juru - PB)

Faço Poesia

Carlos Eduardo (Kadú) Silvah

Faço poesia porque o momento existe,
e a vida permite.

Faço poesia porque, de dia, o sol raia,
e, à noite, a lua brilha.

Faço poesia porque sou cativo do belo,
e ao fascínio irresistível de uma mulher,
eu me entrego.

Faço poesia porque nela encontro
a cura dos males
e dos meus desenganos.

Faço poesia porque, do contrário,
a minha vida
não teria mais alegria.

(Sobre o autor: Carlos Eduardo da Silva, escritor, Campina Grande - PB)

Filho...fruto

Cecília Lohanny

Pura e farta ingratidão!
Desvalorizando o muito
de quem tudo faz.

Esqueceu de si,
deixou voar seus sonhos.
Clamou pelo melhor,
mas não para ela.

Fugindo da juventude,
carregou fardo duplo
individual...

Julgada por todos:
"Maldita indecente".
Partida em cansaços,
em desespero queima.

Ainda assim,
ergueu-se em pedaços,
não coube em rótulos
nem julgamentos rasos.

No ventre do seu esforço
molda futuro com as mãos:
Filho- fruto das suas noites.

(Sobre a autora: Cecília Lohanny Rodrigues Ferreira, estudante do IFPB,
Princesa Isabel - PB)

Grelina – O hormônio da fome

Quelyno Souza

Ao amanhecer toca o carrinho
Adaptado, esticado com grade
Sai coletando pelas ruas da cidade
Latinha, plástico e vidro no caminho
E assim ganha a vida Zé Povinho
No dia a dia a força se some
Apenas água de manhã consome
Já não carrega o brio no sorriso
O estômago encaminha o aviso
Para grelina, o hormônio da fome.

Um prato vazio sobre a mesa
Na mesa sobra colher, garfo e faca
A cena embaraça a visão fraca
Corpo magro, frágil, sem defesa
Ser resistente é de sua natureza
Migalhas é tudo que ele come
Não se fala mais do seu cognome
Tenta sobreviver no improvisado
O estômago encaminha o aviso
Para grelina, o hormônio da fome.

Não demora e o coitado adoece
Dias violentos de quem nada tem
Uma conta que todo dia vem
É que o corpo cansado padece
E a dor no peito se entristece
CPF cancelado, sem nome
Maldita morte arrasta o “home”
No mês, no dia e horário preciso
O estômago encaminha o aviso
Para grelina, o hormônio da fome.

(Sobre o autor: Jacquelino Souza do Nascimento, João Pessoa – PB)

Hoje eu conheci o seu desprezo – Parte I

Arthur Alves

Hoje eu não te espero,
Pelo que eu ansiava?
Algo tão simples que de ti
Eu aguardava.

Em seus olhos eu via
Um desprezo inconcebível.
Fez sentir-me como um fardo,
Você desejava me ver expurgado.

Ontem eu sentia dores da
Sua ausência.
Me despedi do seu cheiro.
Recordei a maneira que ele
Me trazia conforto.
Você nem se importou,
Deixou minha boca com
Um amargor.

Dias e noites esperei algo
Diferente do seu desgosto.
Talvez o seu sorriso
Que me trazia calor,
Seu interesse tão real
Por mim
Que hoje se *esgotou*.

(Sobre o autor: Arthur Vittor Alves de Vasconcelos, estudante do IFPB,
João Pessoa – PB)

Interregno

Ashley Silva

I

Sufoco meu peito com ausência tua,
Não és meu.
A partir disso, tome-te todos os dias.
Intervalos de aulas.
Nos intervalos é que não me faço,
Não ajo.
Acendo cigarros escondidos,
Os corredores de multidões inalam meu corpo
— Meu filtro.
Evoco a razão, percebendo que não a tenho.
Vivo pelo alívio de que morrerei.
Morrerei com o alívio de que vivi.
Se não soubesse, não sentiria.
Não sentindo, nunca seria.
Outro professor entra na sala,
Outro intervalo se encerra.
Quando dou por mim, estou no ônibus.
Quando dou por mim, outro intervalo começa.
Acendo o derradeiro cigarro, dessa vez não escondo.
Retiro a pintura pegada à cara,
Quem amo passa pelo corredor
— Que cena horrível, ele diz.
Rio, como quem ri na miséria.

II

Falhei em não ser.
Não sendo, falhei em existir.
Talvez nunca tornaria a ser nada.
Que poderia ser se minto até para mim —
Ainda restam as bitucas.
Tantas pontas mal fumadas,
Que mesmo queimadas nunca poderão ser senão fuligem.
Não a boa, a que escapa pela churrasqueira,
Mas a dos crematórios, especializados em mortes prematuras.
Pegaram-me com o fumo na boca,
Os burocratas decidem o que fazer com minha contravenção.
— Expulsem-no,
Ouço sair da boca de um deles.
Julgam-me como se em suas vidas nunca houvesse fumo clandestino.
Enquanto discutem não percebem as brasas que se esvaem de
suas bocas.
Cardíacos.

Maldisseram-me tanto que esqueceram a carteira lacrada.
Abro-a, e não a fumo.
Guardo-a, não jogo fora.
Não venci o vício,
Não venci você.
Procuro na literatura algo que aproxime,
Na matemática, algo que alie,
Na arte, algo que antecipe.
No entanto, é no silêncio que a resposta nasce,
Na intimidade que o silêncio traz.
Serei digno ou não dessa calma,
Mas se este me for alheio,
Porque não posso tê-lo?

III

Visto novamente minhas roupas,
Não somos compatíveis.
Os sussurros agora ecoam de todas as partes,
E eu, caminho por dentro da massa-viva.
Mãos indigentes tocam-me e rasgam-me a pele,
Apesar dos pesares, continuo.
— Há outra opção?
Cético da resposta, afundo cada vez mais naqueles braços.
Decido que tua ausência me basta,
Não te vejo,
Não te escuto,
Não te beijo.
Decido que te esqueço,
Mas até o último trago permaneço.
Ainda me julgam,
Mas ao olhar em minha face,
Refletem a fumaça das tuas —
Portanto, não olham mais.
Fingem que nada sou,
Nem nada poderei ser,
Mas no fundo, serei.
Serei aquilo que não querem que seja,
O que incomoda,
E o que sempre existirá.
No meu bolso a carteira ainda lacrada,
Na mão um isqueiro roubado,
E na cabeça, você.
O motivo do meu não ser,
O monstro do carbono,
Filho do amoníaco,
Profundamente hipocondríaco.

Na multidão que me percorre,
 Sussurram teu nome,
 Resisto,
 Não consigo.
 Me viro, procuro, sestro.
 Deliberadamente: você.
 Esqueço que por mais que queira,
 Tu não podes, nem serás meu,
 Nem deve ser meu.
 Fumei, fumo e fumarei cada parte tua,
 Mas não és merecedor do meu carbono,
 Aceito que te deixar seja o que me resta,
 Por mais que eu peça,
 — Te apressa.
 Na sinceridade desse pedido,
 Vejo que enganas até a ti.
 Somos cerne do mesmo código,
 Mas venci, porque rasguei primeiro.

IV

Somos a mesma biosfera,
 Do gás à matéria,
 Somos uma quimera.
 Formados pela mesma máquina,
 Do óleo à massa,
 Do carbono ao amoníaco.
 Dois cínicos.
 Leis orgânicas que não mais convergem,
 Fraturas da matéria,
 Formas históricas.
 O hiato acaba,
 A matéria resguarda o que a boca cala.
 Falta vida na sua perspectiva,
 Um trago e te aliviaria.
 Sejas o que não és — não sendo te amei.
 Foi por condição irracional que te adorei,
 E viria ser hoje, mas também noutro ano,
 No intervalo que me queima
 E na boca que me beija.

V

Não há cão que eu não inveje,
 Vivendo alheios, andarilhos, revirando o lixo
 — vagos de amar.
 Não estudaram, não amaram e não creram,
 Correm livres do outro,

Do fumo,
Do ouro.
Invejo seus latinos,
Que em três escalas descobrem o mundo.
Suas patas,
Que entre passadas dominam o súbito.
Não há cão que eu não inveje,
Porque são alheios a ser,
Sendo somente bichos,
Jamais lidarão com o cinismo.
Suas peles não vestem adornos,
Seus rostos não pintam máscaras.
Não há cão que eu não inveje,
Porque vivem sem nada e pra nada.
Quero ser bicho,
Deixo de ser, ver e crer,
Quero ser instinto.
Como um vadio busco.
Busco-te.
Viro um bicho querendo ter.
Reviro lixo, sacolas, memórias,
Cigarros, carteira, tabaco,
Me reviro tentando ser.
Antes preso à intervalos, me vejo preso à você.
Não há mais cinzas nas minhas patas,
Não há mais boca na fumaça,
Há você.
Animalesco, preso.
Preso por ser teu,
Preso por ser eu.
Não sou cão, sou rato.
Sendo rato, escavo.
Escavo eu, escravo teu.
Roedor do eu, do teu — eterno.
Não penso mais, não falo mais,
Vivo pro teu, não eu.
Fumaças pelo corredor.
Meu professor fala:
— esse bicho, meu Deus, era homem.
Já não tinha máscara, agora nada.
Não sou homem —
Nem ao menos rato.
Sou eu.
Eu a quem o mundo não cabe,
Que o peito arde
E que a vida em geral declara guerra.

O Gado vê meu rabo,
 Os homens meus sapatos
 E as damas meu casaco.
 Sou o bicho mais homem que posso ser,
 Virei o que sou, não por você,
 Mas porque vi a vida, a guerra, a morte,
 Vi o amor, a sorte,
 Vi tudo e vi você.
 Não aceito a guerra,
 Não alinho a vida,
 Sou refém da morte,
 Tenho horror a sorte.
 Sempre fui o que sou, não sendo ainda existi,
 Nem máscara nem cor, talvez nem a dor ou o amor,
 Me fariam residir.
 Ainda amo, ainda fumo, ainda te quero,
 Mas entre o lixo é que te espero.

VI

Não fui, nem serei,
 Nunca poderei.
 No entanto, fumei-te todos os dias.
 E é entre as chagas da neblina
 Que aceito sua partida.

(Sobre a autora: Ashley Mariane Nunes da Silva, estudante do IFPB,
 São Mamede, PB)

Maternalmente Eu

Salmo Elias Mattias

Quando no ventre de minha geradora
bebi meu primeiro gole ,liquido vermelho vívido,
mergulhado, embebecido, quente, longe dos riscos.

Quando fora, pisando nos rabiscos mas de tronco arqueado
espalmei linhas no chão em toda direção.

Quando solto, saltei, senti, andei, alinhei
e nas folhas brancas, Eu risquei.

Quando vim, me vi, li
bebi meu segundo gole, liquido vermelho ardente,
não mergulhado, não embebecido, não quente, longe dos riscos.
O que não vi, Eu vivi.

(Sobre o autor: Salmo Elias Matias, escritor, Cabedelo - PB)

Meu sangue é Preto

Perla Alves

Carrego o sangue da África
Arrancada pela raiz
Que atravessou o oceano
Para uma terra infeliz
O sangue nas minhas veias
Tem gosto de solidão
Da dor que dilacera a alma
E endurece o coração

Carrego sobre mim
Os olhos do preconceito
Externado pela cor da minha pele
E o fio do meu cabelo
Subi no palco da vida
Para servir, mas não ser servida
Sem amor, fui obrigada amar
Sem ser a mãe
Alimentei no meu peito preto
O filho do branco que me escravizou

Fui vendida
Outras vezes trocada
Tive preço
Nunca me deram valor
Só valia alguma coisa
Enquanto servia ao senhor
Me alimentei de restos
Me vesti de trapos
Sofri o pão que o diabo amassou
Mas resisti e resisto
Sou sobrevivente da luta
Que começou em cada navio negreiro
Mesmo sem ter liberdade
Aprendi a me impor

Esse mundo também é meu
Peço respeito por favor
Sou mulher, negra e guerreira
Valorizo a minha história
E também a minha cor
Nesse mundo de Deus branco
Acreditar em Deus negro
É universalizar o amor.

(Sobre a autora: Perla de Sousa Alves, Patos - PB)

Noite

Livia Samily

Eu gostaria de voltar pra mim
 Uma pessoa que imite o meu eu passado
 Pois sei que eu,
 de tal modo quebrado
 já cheguei ao fim
 Que transmita através do vento à própria cantiga que no peito ressoa
 Que não tenha vergonha ao ponto de
 se machucar
 por outra pessoa

Quero dormir e acordar
 Me desfazendo de quaisquer sofrimento
 Quero voltar a sonhar
 Pois enquanto o meu eu a desgraça ecoa
 A outra em teus sonhos voa
 e o peito se põe a chorar

Sinto me um passarinho que não sabe voar,
 não sabe fazer um ninho quando está forte o vento
 um que não sabe se vale viver no momento
 Voltei a me querer
 Me quero,
 pois sou a única coisa que me é sincero

Queria ter sido
 Queria me ter
 Queria ter me colocado em risco quando descobri o que era viver
 Queria que não tivesse anoitecido
 Ao perceber que talvez eu morra sozinha,
 eu revejo, na sétima vez, o acontecido
 ao ver que a noite vinha

Fecharam as cortinas
 E ninguém mais me vê
 Me fechei e deixei o mundo esmaecer
 Me cobri nas cobertas que a mágoa tem de oferecer
 Me cobri, mesmo que não me esquentasse
 Pois não há mais abraço que me faça aquecer

Na queda do sol e no bailado da lua
As praças escurecem e os bares abastecem
É solitário, cubro-me no negro lençol
Me deito sob as estrelas que almejo
Bebo a brisa congelante onde meus devaneios se perdem
Como a cerveja que desce pela garganta
Dos bêbados que devaneiam

A noite chegará e eu ainda não me tenho
Em meio a tantas constelações
Sua feição é desenho
Inspiração delas, musa que detenho
Mesmo que eu não me tenha
No teu abraço sem calor me contenho

A noite vai chegar
E eu ainda estou sozinha
Desamparada, desesperada
Como uma resposta fora da linha
Me encontro nos riscos do céu
Que agora estão sob o meu braço
Em tons de vermelho
Com capricho no traço

Eu não tenho tempo
Nem pra provocar
Antes que a noite chegue
Vou me retirar
Pois tenho medo que um dia
a noite me castigará
A noite chegou
Meu corpo badalou
Meu eu se encontrou
e você nada de chegar.

(Sobre a autora: Livia Samilly Delfino Carneiro, estudante do IFPB, Manaíra - PB)

O Eremita

Theo Sales

Ultimamente, eu não queria me preocupar
Com nada. Roupa, cabelo, levantar da cama,
Rotina, ver pessoas.
Eu anseio em fazer as coisas sem essa maldita voz,
Lembrando de você, meus erros, quem eu era.
Ultimamente, eu não me preocupo com mais nada
Só me deixe pensar, sem incomodar.
Pensar nas pessoas, paisagens, animais, a droga do seu
Sorriso, que não irei ver mais.
Estou aprendendo a ficar sozinho,
Mesmo com a maldita voz, mesmo tudo parecendo igual.
Sinto-me estar no centro desse yin-yang...
Ainda há muito a aprender, tenho consciência,
Mas, por agora, irei manter minha ausência.

(Sobre o autor: Theo Sales dos Santos, estudante do IFPB, Santa Rita - PB)

Progresso

Jordânia Pereira

Eh progresso! É que ainda não decidi,
Se te quero longe ou perto!

Todo dia cedinho,
Desço a ladeira e te avisto.
Seus ruídos silenciados,
De longe tenho ouvido.

Não é de hoje, nem de ontem,
De repente se fez imponente,
O que parecia distante,
Destoando no horizonte.

Vão dizer que vale o risco,
Que pense no comércio,
No emprego, no sucesso,
Nos frutos do progresso.

Homens e máquinas, buracos e valas,
Surpresa e alegria, medo e suspiro,
Barulho e fumaça, estrondos e poeira,
Cobre o véu do céu que respiro.

Concreto e aço no chão fincados,
Moinhos de vento gigantes.
De noite luzes brilhantes,
Vagalumes vermelhos berrantes.

Cadê a casa que estava ali?
Cadê o passado e o presente?
Das histórias ali vividas,
De repente pelo progresso varridas.

E o futuro a nós não pertence
E nunca pertenceu!
Mas vamos deixar que ele chegue,
Pelo menos para quem não morreu.
Quem sabe lá, vivo eu esteja.
E então decida sobre o progresso,
Pesado a balança do tempo,
se o quero longe ou perto.

(Sobre o autora: Jordânia da Costa Pereira, professora da rede pública, Picuí - PB)

Quebradiço

Marcelo Soares

Desde pequeno,
quando os meus olhos, hoje castanhos,
eram brancos de glaucoma,
meu corpo era frágil.

Sentia
nos braços magros,
nas pernas finas,
os perigos de uma
queda repentina.

Suportava nos ossos expostos,
nos músculos fracos,
as piadas sobre uma carcaça sem força,
as gozações juvenis
em cima de olhos de vidro
e rosto com marcas da idade.

Marcas que, não muito diferentes
das de hoje,
marcam o tempo.

O corpo aos 40 segue frágil,
imerso em outras fragilidades,
é certo,
com outros cansaços,
outras angústias,
mas segue:
em pé, andando, em frente.
Porque assim como
o passado é frágil,
também o é o futuro, rente.

(Sobre o autor: Marcelo Soares de Lima, escritor, João Pessoa - PB)

Recordar

Irlanda Lúcia

OS INSTANTES SÃO DE MÚLTIPLA INQUIETAÇÃO.

Efervescentes cristais em ebulição
cristas eriçam.
A luz metamorfoseia na incidência.
O medo passeia nos cardeais que se oferecem...
falta o último cavaleiro do apocalipse
desfilar...
Expectativa, expectativa.
Nos orgasmos,
viver, sentir muitas vezes se confundem em nada...
Impotencialidade Atordoa, enlouquece.

Ah, tece a materialidade do sentir.
Deixa que toque.
Agora que peço, vem,
toca-me para que me faça, pedra tanto faz!...
Não basta que me terças de imortalidade
se nada alcanço.
Se de fome me alimento
e nada satisfaz...

Toco o amado, não o alcanço!
E qual sombra, que enche minhas mãos?
E os meus desejos?

Ânsia sensual invertebrada
impulsiona os eixos
e enrodilhada em beijos
é inócua o veneno que ejacula...

A fome mesmo iníqua impulsiona a vida
e de espera e desespero nos arrastamos,
rumo?!

Silêncio deixem imaginar aonde.

Tenho fome.
como se tivesse acordado agora...

Não, cantem comigo,
não me deixem pensar e nem sentir...

Diabos, e tem somente um nome...
...E quando não tiver mais fome
terei apenas sono...

Ah, deixem-me ter todas as ilusões do mundo
O tempo, referencial incomodo
desaba os sonhos em verdadeiro cataclismo...
Despede-se o ser humano qual poente.
Não mais sonhos,
que bando de pássaro voam para o nascente..
Recordar não mais que isso...

...LUCUBRAÇÕES!

entre pensar e sentir
gosto amargo do imaginar poder...
Pobre lagarta,
toda vida para imaginar,
um instante para o não rastejar!
Efêmero o prazer...
Eterna a busca por alcançá-lo

A unificação é o ideal
à dualidade imposta.
Nosso erro reside na opção!...
Por que não optar
em ser uma coisa só?
Por que unificar anjos e demônio?

Ah, gostaria só de tocar o sentir...
mas como Midas,
tudo que toco se transforma
já não é o que alcanço o que sinto!
As palavras ditas
ocas de sentido...
Os gestos pobres de expressão...
Duas de mim vivem em mim...
em harmônica e dolorosa solidão.
Quando chegará o finalmente
do achar a solução?
Enquanto isso perco-me ao tentar achar-me
sem varinha mágica e sem condão
De tombo em tombo imaginando ver
o outro lado na bola de cristal

ACORDEI.

Comigo também porquê.
 Porquê são meus algozes.
 Debato-me em buscas...
 Também em achados!..
 Porquê são meus algozes!..
 Na praia das chegadas
 em portos brancos repousando,
 ainda assim náufrago nos porquê.
 Navegadora
 argonauta
 ir é o ideal constante
 partir a eterna busca do chegar
 onde?

Há propósito maior que o meu
 mas a linguagem cifrada do sentir
 é só sentir.
 Ah solidão,
 por que matizada certas horas
 quando o feedback nem tá pronto?
 Mágica o sentir!
 mágica a dor do sentir!..
 ...somos essencialmente sós!..
 caramba!!!

CHEGO EM CASA.

Abro a porta.
 Assenhoreada do domínio
 em inspeção de dono,
 desfaço-me de arreios e cedo.
 Cedo canseiras e buscas
 e busco o aconchego morno dos cômodos;
 acomodo-me em tentáculos afetivos
 e curto.
 Curto delícias multiformes
 e sinto que tudo é bom...
 Sem pressa e sem pejo
 dispo convenções,
 mergulho em sentir
 por portas que se abrem;
 Como abelha à flor que se dá
 sugo satisfações que se derramam,
 - como formigas que caminham por caminhos
 sem fim, -
 e fazem do passeio paraíso
 sem canseira.

Pernas, tentáculos, ferrões
esforço somado,
prazeres divididos ...
mas a fome se avizinha
e ri da brincadeira...
Não mais há que dar
e damo-nos,
mergulhados e mergulhamos
em nossos corpos,
não mais nosso,
mas nosso,
explodimos e relaxamos
(a minha casa em Roraima)

(Sobre a autora: Irlanda Lúcia Andrade Vieira, escritora, João Pessoa - PB)

Poesia – Ser Nordestino Raiz

Eloá Naiara de Sousa Bezerra

Ser nordestino raiz
É acordar bem cedinho
É tomar um cafezinho
É comer um bom cuscuz
É ter fé no bom Jesus
E no Pai, o Criador
Pedir ao nosso Senhor
Muita paz e harmonia
É viver a cada dia
Mostrando o nosso valor.

Ser nordestino raiz
É viver a sua luta
Todo dia na labuta
Enfrentando o sol pesado
Que só é recompensado
Com seu pôr ao fim do dia
A linda imagem anuncia
Que a noite vai chegar
E a gente vai descansar
Sempre com muita alegria.

Ser nordestino raiz
É falar meio arrastado
Com um sotaque invocado
E um pouco diferente
Típico dessa nossa gente
Que só nós sabe falar:
"Oxente, venha para cá
Arretado, caba da peste"
Isso é fala do Nordeste
Nossa língua popular.

Ser nordestino raiz
É ver o solo rachando
Com a seca castigando
Nosso querido torrão
É escutar o trovão
Que nos traz a esperança
De chuvas com abundância
Para a nossa agricultura
E o agricultor animado
Seu legume cultivado
E na mesa, muita fartura.

Ser nordestino raiz
 É viver ser injustiçado
 Quiçá, até maltratado
 Por gente sem coração
 Muitas vezes sem noção
 Que até nos discrimina
 Isso não nos desanima
 Nós vamos sempre lutar
 E também continuar
 Com a cabeça lá em cima.

Ser nordestino raiz
 É dançar xote e baião
 É conhecer Gonzagão
 Ariano e Patativa
 É ter a cultura viva
 É fazer acontecer
 E a Deus agradecer
 Por nos dar esse destino
 De nós 'nascer' nordestinos
 Isso sim nos dar prazer.

Ser nordestino raiz
 É viver essa beleza
 Que só a mãe natureza
 Pode nos proporcionar
 É curtir, apreciar
 O que temos de valor
 O povo batalhador
 Que vive sempre feliz
 No melhor lugar do país
 Meu Nordeste, meu amor.

Ser nordestino raiz
 É ser feliz de verdade
 É ver a felicidade
 Estampada em nossa cara
 A nossa beleza rara
 Que em outro lugar não tem
 O mundo conhece bem
 E isso nos enaltece
 E não trocamos o Nordeste
 Pelo Sul de seu ninguém.

(Sobre a autora: Eloá Naiara de Sousa Bezerra, estudante do IFPB, Sousa - PB)

Te amo...

Janaina Lima

Te amo...
Por toda minha vida, meu amor!
Te amarei eternamente...
Por toda minha trajetória, quero expor!
Te amarei infinitamente...
Por toda minha insistência, amo o teu valor!
Te amarei continuamente...
Por todo amor que me deste, quero impor!
Te amarei constantemente...
Por causa de ti, quero expressar-me o amor!.
Te amarei infindavelmente...
Por tê-lo meu amor, quero compor!
Te amarei Incessantemente...
Por te amar, conseguir ser o teu sonho realizado!.
Te amarei imensamente...
Por te escolher meu amado, és meu galanteador!
Te amarei ...abundantemente...
Por te amar, você me inspirou!
Te amarei extremamente...
Por te conhecer, o teu olhar é uma declaração de amor!
Te amarei espontaneamente...
Por te encontrar, naquele abraço, és o meu consolo!
Te amarei excessivamente...
Por te beijar, naquele beijo roubado, és meu sedutor!
Te amarei intensamente...
Por te achar com meus olhos, és o meu leitor!
Te amarei totalmente...
Por calar a minha voz com teus beijos, és meu imperador!
Te amarei profundamente...
Não me canso de dizer-te te amarei pra sempre!

Homenagem ao meu esposo Luiz Antônio

(Sobre a autora: Janaina Pereira de Lima, estudante do IFPB, João Pessoa - PB)

Um só Presente

MARX FOX

Pessoas são presentes,
Por que será que existem,
Pessoas tão complicada,
Para se abrirem,
Talvez por não serem presentes,
Só embrulho, só solidão,
Pessoas são aquelas,
De reais categorias,
No amor na fraternidade,
Existem pessoas que confundem,
Embalagem com presente,
Uns com embrulhos bonitos,
Outros só solidão,
Presente melhor no mundo,
É seu carinho,
É aquele que mora,
Dentro do seu coração.

(Sobre o autor: Marcos Antonio de Aguiar, João Pessoa - PB)

Visão Turva

João Pedro B. Sales

Minha vista está rachada
Não consigo ver nada por completo
Ou melhor consigo
Mas às vezes aparece aquela mancha como um risco enevoadado
Parece que tudo que via
Agora vejo errado

Ah sim, é mais um óculos quebrado
Como foi que ele quebrou?
Ah mesmo não cuidei bem
Teve um único momento
Passei por cima
Passei por cima de tudo que o valia
Dor de cabeça, dor no olho, dor de ver o mundo
Como se eu nunca mais fosse ver daquela forma novamente

Ele também está com uma perna quebrada
Sinto como se tivesse perdido aquilo que me sustentava
Que me apoiava
Balanço quase como se fosse cair
Tenho que comprar um novo óculos
Mas qual o preço a se pagar por aquilo que me fazia ver bem o mundo?
Qual será o substituto da visão tão única que aquele óculos podia
me dar

(Sobre o autor: João Pedro Bezerra Sales do Nascimento, estudante do IFPB,
João Pessoa - PB)

Cordel

A morte de um Jucá

Luís Havelange Soares

Pense numa coisa linda!
Um recado da natureza,
Mostrando sua grandeza
Numa árvore secular,
Sombra dos descansos meus,
Obra prima de meu Deus,
Meu lindo pé de Jucá.

Querendo lhe abraçar
Meus braços eram pequenos.
No topo, só os acenos
Das asas dos passarinhos,
Cantando e fazendo festa,
Como um rito de seresta
Para alegrar seus vizinhos.

De qualquer um dos caminhos,
Com destino Santa Luzia,
De meia légua se via
A copa do Juazeiro.
Um gigante em altura,
Quinze braças de largura,
Recobrindo o tabuleiro.

Mas, a fome traz desespero
Pra todos os seres humanos
E o Jucá entrou nos planos
De seu Luiz das Porteiras,
Que na árvore secular
Viu madeira para enterrar
Umás cinco carvoeiras

Numa barra de terça - feira
Ele chamou seu guri,
Dizendo assim, "venha aqui:
Bote uma roupa comprida,
Bote um chinelo no pé,
Tome um gole de café
Pois já tamo de partida"

E disse mais em seguida:
"Eu vou aqui no quintá,
Prá acabá de amolar

Faca, foice e machado.
Já tem água no bisaco
E rapadura no saco
Pro descanso do pesado”

Antes do sol levantado
Já avistando o Jucá
Mais pra lá do que pra cá
Lulinha indagou seu pai:
“Será que a pranta sente
Quando o machado da gente
Corta ela e ela cai”?

Foi como uma dor, foi um ai,
Na mente de Seu Luiz
Que não estava feliz
Com o que ia fazer.
Mas, disse logo em seguida:
“Que pergunta descabida!
Quem já viu pranta sofrer!”

Pois, parecendo entender,
E, como um pedido final,
Do Jucá veio um sinal
Com o balanço dos galhos
Após breve reflexão
Com o machado na mão,
Iniciou-se os trabalhos

Sem demora, sem atalhos,
Com o choro na garganta
Foi ao caule da planta
E espeto-lhe o machado
O orvalho ainda caía
Como lágrima que saía
Deixando o chão molhado

Lulinha olhava do lado,
Vendo o choro do Jucá,
Num para lá e para cá,
Em silêncio triunfal.
E antes do fim do dia,
A planta já tombaria,
Ficando em horizontal.

O trabalho foi brutal,
Cortando toda a madeira

E cavando a carvoeira
De uma grande dimensão.
E depois de botar fogo,
A última parte do jogo,
Era arrancar o carvão

Com outra escavação
Pra reabrir o buraco
Se enchia de saco em caso
A madeira carbonizada
Terminando, o que se via,
Era a grande sacaria
Numa tuia organizada

Depois de finda a jornada
Pai e filho eram tição
Como pedras de carvão
Se moviam para casa
Mas, sem aviso ou barulho
Num dos sacos do entulho
Ficou acesa uma brasa

A brasinha ganhou asa
Com a brisa vinda na noite
E o fogo fez um açoite
Queimando de saco em saco
Já antes do amanhecer
O que restou pra se ver
Foi a cinza e o buraco

Seu Luiz ficou um caco
Lhe bateu forte desgosto
A lágrima caiu do rosto
Como água da biqueira
O trabalho todo queimado
No bolso nenhum cruzado
Para fazer sua feira

Nem Jucá, nem carvoeira
Só sobrou devastação
Nem um saco de carvão
Seu Luiz pôde vender
O machado aposentou
Nunca mais ele tentou
Carvão pra sobreviver.

(Sobre o autor: Luis Havelange Soares, servidor do IFPB, Campina Grande – PB)

Casebres abandonados

Poeta Neto Ferreira

Os casarões de Mãe D'água
Aqui quero retratar
Sobrados abandonados
Aqui posso registrar
Entre destroços e telhas
Marimbondos e abelhas
Há histórias pra contar.

Mãe D'água que tem riquezas
E capital cultural
É uma cidade rica
De gente de alto astral
Com distintos casarões
Aqui nos nossos rincões
Dentro da zona rural.

As casas abandonadas
Refletem o êxodo rural
Em setenta e oitenta
Partiram deste local
E a população idosa
Que é de gente valorosa
Ficou sozinha afinal.

Junto aos órgãos de cultura
Que oferecem o fomento
Vamos registrar imagens
Ressaltando o monumento
Que se encontra abandonado
E precisa ser registrado
Saindo do esquecimento.

A produção de rapadura
Também do mel de engenho
De sisal e do algodão
Aqui também me detenho
Angariavam recursos
Famílias de fortes cursos
Trabalhavam com empenho.

Os casarões imponentes
Dos donos com tal riqueza
Produtores de insumos

Que esbanjavam grandeza
Nos casarões que moravam
Os monumentos mostravam
Convívio com a natureza.

Mãe D'água com seus engenhos
Rapadura bem produzia
Lá no sítio Serafina
Zé Cirilo residia
No Jatobá Zé Luiz
Foi um morador raiz
Igual Tejo em Pedraria.

Lembro de Adé Pereira
Um poeta de talento
Bom contador de estórias
Morou no sítio João Bento
Foi ele um distinto ser
Grande fonte de saber
Pois tinha conhecimento.

E sobre estes casarões
Documentados em cena
O poeta cordelista
Usa tinta e usa pena
Lembro a casa de Manoel
No sítio Angélica em cordel
Um bom escrito se acena.

Nos casarões elencados
Com muitos tornos de rede
Com sôtãos pra os mantimentos
E água pra matar a sede
E hoje só resta a saudade
Dentro da simplicidade
De cada velha parede.

Mãe D'água que tem riquezas
É um paraíso aberto
Visite nossa cidade
Venha conhecer de perto
Que no meu ponto de vista
Você querido turista
Chega ao horizonte certo.

(Sobre o autor: Jose Ferreira de Lima Neto, Livramento - PB)

Cinderela do Sertão

Gorete Lira

Cá no sertão nordestino,
Onde o sol queima bem forte
Houve uma Cinderela
De um conto de vida e morte.
Doce menina, singela
De alma pura e muito bela
Que fez sua própria sorte.

Filha de um belo vaqueiro,
Forte, porém sofredor
A quem Cinderela amava
E o ajudava no labor
Mas a madrasta malvada
Tinha sempre uma cilada
Armada pra causar dor.

Todo o dia no roçado
Cinderela a trabalhar
E toda a noite no tanque
Muita roupa ia lavar
Somente de madrugada
Se deitava bem cansada
Para dormir e sonhar.

Contudo, um belo sorriso
De seus lábios não saía
Seu sonho de liberdade
Que sonhava noite e dia
Tornava ainda mais bela
Nossa forte Cinderela
que tão frágil parecia.

Uma irmã de Cinderela
A tal da Maria Pia
Tão bela e tão enjoada
Muitas maldades, fazia
Com a irmã que invejava
Querendo torná-la escrava
Enquanto se consumia.

A outra irmã, a Toíinha,
Bonita, porém, mimada
Queria tudo aos seus pés

Por isso era despeitada
E a sua irmã Cinderela
De beleza tão singela
Tratava como empregada.

Maria Pia e Toíinha
Viviam sempre a sonhar
Com o dia em que iriam
Embora deste lugar
Para morar na cidade
Cheias de luxo e vaidade
E com ricos, casar.

Certo dia, no sertão
Chega um convite real,
Para a festa da cidade,
Evento sensacional.
Cinderela se animou
Mas a madrasta a frustrou
Com ódio descomunal.

"Onde é que pensa que vai
Essa feiosa, sem graça?
Gente, assim como você
Jamais pisará na praça
Vá logo para o roçado
Depois vá cuidar do gado
Senão lhe quebro a carcaça".

E Cinderela chorando
Foi cumprir a sua sina
Quando lhe chega uma fada
Que vai dizendo "menina,
O meu feitiço é do bem
Na festa tu vais, também
Brilhar feito purpurina."

Levantando a vara mágica
fez vir um belo enxoval:
Um vestido cor de ouro
E um sapato de cristal
Uma tiara brilhante,
E brincos de diamante
Que look sensacional!

Ciente que a meia noite
Se desmanchava a magia
Cinderela, seguiu firme
Numa bela montaria
E quando entrou no salão
Chamou logo a atenção
Da pomposa monarquia.

E o povo se aglomerou
Para a beldade espiar
Uns por serem curiosos
E outros por invejar
A Cinderela, bem plena,
Que com cheiro de açucena
Inebriava o lugar.

O príncipe, este, coitado
Já nem sabia falar
Olhar fito em Cinderela
Que dançava sem parar
E as irmãs invejosas
Perderam versos e prosas
Que estavam a ensaiar.

Mas chegou a meia noite
E Cinderela fugiu
Na pressa, por não ser pega
O seu sapato caiu
E o príncipe logo o pegou
Com todo o zelo o guardou
Junto à cama em que dormiu.

Uma semana depois
Chega o príncipe ao sertão
Andando de casa em casa
Com um sapato na mão.
Toda moça que encontrava
Pegava o pé e tentava
Calçá-lo, mas dava não!

À casa de Cinderela
Enfim o príncipe chegou
E a madrasta malvada
Logo se antecipou
Com a sua falsidade
Tratando-o por majestade,
As belas filhas, mostrou.

Maria Pia, foi logo
Esticando seu pezinho
Ao que o príncipe pegou
Com cuidado e com carinho.
Mas o sapato pequeno
Não entrou. E haja veneno
Na flor repleta de espinhos!

Chamaram então a Toíinha
Que veio toda dengosa
Mostrando o pé e escondendo
Querendo ser estilosa
O sapato não entrou
E moça então revelou
Sua alma venenosa.

E o príncipe foi saindo
Se sentindo derrotado
Foi quando avistou no mato
Algo que o deixou cismado:
Linda moça a capinar
Com destreza singular
Que o tornou apaixonado.

Pedi para ver seu pé
E o sapato mostrou
Ajoelhado ao chão
Com muito jeito o calçou.
Levantou-se embriagado
Por um aroma encantado
Que a terra seca exalou.

Falou do quanto lhe amava
Desde que lhe viu dançar
E perguntou: "Cinderela,
Quer comigo se casar
E tornar-se uma princesa
Bem longe desta pobreza
Que o sertão tem pra lhe dar?

E Cinderela lhe disse
Eu estou apaixonada
Mas não deixo meu sertão
Por sua corte encantada.
Se comigo quer casar
Vai ter que aqui morar
Decida entre o tudo e o nada.

E o príncipe louco de amor
Aceitou a condição
Casou-se com Cinderela
E mudou-se pro Sertão.
Quanto à madrasta invejosa
Junto às filhas venenosas
Não se ouviu falar mais não.

(Sobre a autora: Maria Gorete de Macedo Lira, estudante do IFPB, Picuí - PB)

“Cine Salão de Adonias”

Arremedo de poeta

“Cine Salão de Adonias”
Pelo nome se define;
Viaja na vizinhança
Levando seu “Telecine”
Do nome, nestas viagens,
Fica o “Salão”, vai-se o “Cine”.

Assim foi, nos tempos idos,
O cinema aqui chegou
E a velha Nova Palmeira
Abrigou, nesse passado,
A vanguarda midiática
De aspecto mais avançado

Só o Salão de Adonias
Movimentava a cidade
E o cinema era a atração
Travestida em novidade;
Sua tela despertava
Sonho e curiosidade.

Nova Palmeira, na época,
Vivia outro panorama;
Interior pequenino,
Sem riqueza, luxo ou fama;
E Adonias colocou
O cinema no programa

Para fins muito diversos,
Este salão era usado:
Pra festas, reuniões,
Evento especificado
E exibições, na parede,
Do cinema projetado

Antes que a televisão
Tomasse sua chegada,
O “Cinema de Adonias”
Dominou logo a parada
Nova Palmeira, a seu modo”
Foi “Hollywoodificada”

“Troveirou” na região
Bobina, fita e telona
Projetada nas paredes;
Em panos, cortina ou lona;
E o “cinema de Adonias”
Ganhou fama e veio à tona.

Nos sítios da região
E nas vizinhas cidades
“Cine Salão de Adonias”
Era, dentre as novidades,
A novidade rainha
Para todas as idades.

Na difusora rodava
O anúncio antecipado;
De tarde, dizendo o filme
Que já estava programado
E à noitinha aparecia
Gente de tudo que é lado.

O controle da censura,
Se o filme requisitava,
Seu Adonias seguia
O que a lei recomendava,
Embora de vez em quando
Um “penetra” lá estava.

“Tarzan”, “Teixeirinha”, “Django”
Eram preferenciais;
Se havia beijo na cena,
A mão cortava os sinais,
À frente do projetor
E ninguém via de mais.

Muitas vezes, Adonias
Parava o filme e dizia
O desenrolar da cena,
Tudo que aconteceria,
Antecipando o roteiro
Para o público que assistia.

Assim foi, na vizinhança,
O cinema difundido;
“Cine Salão de Adonias”
Na região conhecido;
Seu legado cultural
Jamais será esquecido.

E hoje o “Cinema do Tempo”
Projeta o “Cine Memórias”
Nas paredes da lembrança;
Recordações compulsórias
Das vivências coletivas
Das cenas dessas histórias.

(Sobre o autor: Valdí Medeiros de Oliveira, professor da Rede Pública,
Nova Palmeira – PB)

Cordel: Ceará Radioativo!

Fabiano Gumier Costa

Escavadeira chegando
Com fome vem e devora
Abocanha mais recursos
É chegada a vez agora
Do Povo do Ceará
Como então escapará
Dessa sanha que os explora?

Em município tão belo
De nome Santa Quitéria
Foi o povo surpreendido
Por uma grave matéria
Mineral foi descoberto
Em benefício do esperto
Contra povo na miséria

Acenam os novos tempos
Coisa estranha que germina
Apregoam a bonança
Todo incauto se fascina
A jazida promissora
Bocarra devoradora
À oposição fulmina

Faz um tempo descoberto
Grande estoque de fosfato
Um riquíssimo projeto
Quase consumado fato
Fabricar fertilizantes
Adubar terras distantes
Perto porém, pobre prato

Gira mundo nada muda
Terras todas reviradas
Rentável extrativismo
Narrativas floreadas
E vem dizer: “é progresso!”
Porém, mantido o insucesso
Sem riquezas partilhadas

Os coronéis e os herdeiros
Comemoram o projeto
Para eles, o lucro vem
Faturando até o teto
Mas o povão é lascado
Vai servir pelo trocado
Pobre do pai, filho e neto

“Mais de dois mil empregados
Na fase de instalação”
Fazem muita propaganda
Como fosse salvação
“Inté chega a quatro mil”
Esse filme já se viu
O cabreiro tem razão

“Quase cinquenta por cento
De todo o fertilizante
Atende o Norte e Nordeste”
Discursa bem elegante
Ministro de paletó
No leigo tenta dar nó
Omite o contaminante

Outra Boiada de Tróia
Com o povo golpeado
Sem controle ambiental
Novamente desmontado
Não suportam ouvir “NÃO”
Sequer uma restrição
Outro bem privatizado

Já relatei a tragédia
Brumadinho e Mariana
Dura cena se avizinha
Trilham trama leviana
Junto do fertilizante
Radiação ionizante
Morte lenta à paisana

Ligados, fostato e urânio
Juntos no colofanito
Vale bilhões em ativos
O combinado bendito
Específico Uranífero
Forma composto mortífero
E perigoso detrito

Gigantesca escavação
 Haverá nesse lugar
 Santa Quitéria rural
 Em breve vai deslanchar
 Com insumos para adubos
 E drenando o açude em tubos
 Para o sertão mais secar

Grande açude Edson Queirós
 Se foi do povo, não mais!
 Pois terão prioridade
 Os negócios minerais
 Morre o “pobre boi Fubá”
 Na Caatinga outra pá
 Sertanejos funerais

Minerária parceria
 Empresa junto de Estado
 Se for radioativo
 Pela União é lavrado
 Quando há valor sob o chão
 Calam toda a oposição
 Trator vem acelerado

Existe por essas terras
 Produção familiar
 Gente simples e guerreira
 Faz sua voz ecoar:
 “Ações foram disfarçadas
 Terras já incorporadas
 Pra resistência minar!”

O governo e prefeituras
 Têm um lado definido
 Distantes dos vulneráveis
 Onde estar têm preferido
 Repetem mesmo programa
 Querem em ouro seu grama
 Pelo futuro vendido

Já marcada e definida
 Sob controle da FOSNOR
 Pela Fazenda Itataia
 Tudo cercado em redor
 Tem a marca da Galvani
 O povão todo se dane
 Um assunto bem menor

As aves da Caatinga
 Por aí cantam e vivem
 Mas o buraco e jazida
 “Necessário\$: incentivem!
 O adubo, prioridade
 Agropop necessidade
 Só as fortes sobrevivem!”

A Bahia já conhece
 Situação parecida:
 Da mina em Caetité
 Sai urânio da jazida
 Viaja ao exterior
 Com volta posterior
 Em pastilha enriquecida

Ligando em Angra dos Reis
 Vaga-lumes piscadores
 Sumidouros de bilhões
 Perigosos geradores
 Grave risco ambiental
 Investimento letal
 Em futuros dissabores

Segue o lucro transportado
 Por estrada ou ferrovia
 Nas caçambas ou vagões
 Escoado em qualquer via
 Para o Porto do Pecém:
 Prosperidade de alguém
 Enquanto a morte assovia!

Na diversa Caatinga
 Um novo cacto descrito
 Como o *Tacinga mirim*
 Tem seu destino prescrito
 Antes de o povo saber
 Epitáfio vão fazer
 Com Galvani nele escrito

O povo não quer e afirma:
 “De câncer já morre gente
 Sou contra a radiação
 Que suja a água vertente
 Se péssimo assim está
 Pense como ficará
 Sem o controle vigente!”

Mesmo o dito progressista
Sufoca o contraditório
Na fala tem inclusão
Pois um dia foi simplório
Mas a elite que o abençoa
Faz festança e ri à toa
Canta venal repertório

Antes de ser muito tarde
Desperte, meu Presidente
Irritado está o povo
Com tal sistema inclemente
Já tem veneno no prato
Nosso sangue virou extrato
Suco pra rico indecente

O Brasil ser nuclear
Parece mais devaneio
Angra Três, poço sem fundo
Pronta pouco além do meio
Bilhões, acima de vinte
Oneroso e grave acinte
Paga o povo esse rateio

Hoje basta ouvir: "Urânio"
E o povo já se arrepiava
Em Crateús e redor
Muita gente pronuncia:
"Nunca mais quero saber
Nada daí vou comer
Pois toxidez irradia!"

Um discurso sempre igual
Propaga a mineração
Emprego, renda, trabalho
Progresso com salvação
Mas o efeito é de arrasto
Desmate, fogo nefasto
Disputas e privação

Por milhares de anos dura
É herança no ambiente
Nada tem de sustentável
Radiação persistente
É promessa que esvazia
Chega a me causar azia

O futuro dessa gente
Poucos lucram nos projetos
Têm ações, muito dinheiro
Não se iluda, pois você
Tá longe de ser herdeiro
Está na fração atingida
Pela barragem rompida
Por pó que mata sem cheiro

O passivo é duradouro
Dos engenhos nucleares
Radioativo efeito
Por lentos anos, milhares
Com o lucro acelerado
Fado atômico montado
Chernobyl e similares

Porém, o povo não afina
Bravo é o Cearense
Articulado e sabido
Também o Quiteriense
Reage ao impositivo
Um projeto negativo
À gente rica pertence

O povo não tem refresco
Ele vive subjugado
Pois no tempo de eleição
Teve golpe articulado
Aliança escandalosa
Com a facção criminosa
Pra um Prefeito ter ganhado

Com pipoco nas paredes
Ameaças e chantagem
Um milhão dentro do Eclipse
Para o Rio fez viagem
Pagamento do serviço
Foi notícia, rebuliço
Na caótica paisagem

Nos tributos e CEFEM
Todo mundo os olhos bota
Nas cidades minerárias
A fortuna sempre brota
Com mazela social
Repartição desigual
Onde chafurda a patota

Mineração com justiça!
É um grito necessário
O veio formou-se ali
Mas só ganha o mercenário
Repartição com o povo!
Código mineral novo
No brasileiro cenário!

(Sobre o autor: Fabiano Gumier Costa, escritor, João Pessoa - PB)

Homenagem Merecida

Seneilton Dias

Neste singelo cordel
Trago a minha mensagem
Para duas grandes potências
Vou fazer uma homenagem
A Valéria e Kydelmir
Que gostam de dividir
Sua força e coragem

Dona Maria Rezende
Não sei se é professora
Mas sei de algo profundo
Que ela é escritora
Com suas obras brilhantes
Conteúdos interessantes
Da leitura, defensora.

Ela nasceu em São Paulo
Na Paraíba chegou
Desenvolveu bom trabalho
E na carreira brilhou
É uma mulher contente
E bastante competente
Dentro das letras trilhou

Ela vive em contato
Com toda literatura
Busca resgatar pessoas
Com a sua escritura
Escreve com muito amor
Pensando em cada leitor
Quando fizer a leitura

Escrever é um grande dom
Com ele a gente aprende
Vejo essa habilidade
Em Maria V. Rezende
Escreve com alegria
Em versos e poesia
Quem ler seu texto, entende

Ela é de muita luta
Mas pára, toma um café
Ver os vários desafios
Vai enfrentando com fé

Foco, determinação
São frutos de sua ação
Na defesa da mulher

Maria Rezende é
Conhecida nacional
Seu destaque na escrita
Foi sempre sensacional
Homenagem merecida
Ela foi reconhecida
Até internacional

Um cara espetacular
Sempre atingiu a meta
Falo do Kydelmir Dantas
Da Paraíba, um poeta
Que escreve sem parar
Poesia popular
Traçando na linha reta

Também é homem de luta
Ativista cultural
Defende as minorias
Luta por direito tal
Um homem batalhador
Da cultura defensor
Combatendo o desigual

Seu pai era homem forte
Um guerreiro, agricultor
Trabalhava na lavoura
Enchia silo e tambor
Sua mãe foi professora
Com mente libertadora
Ensinava com amor.

Kydelmir é nordestino
Forte de mente e de braço
Em suas obras escritas
Falou sobre o cangaço
Tema muito pertinente
Para um povo contente
Que não espera fracasso

Kydelmir em suas obras
Sobre alguns temas falou
Vendo a necessidade

Do povo trabalhador
Falou do meio ambiente
Temos que ser consciente
Do espaço, ser gestor

Gerir nosso ambiente
Com fé, zelo e coragem
O poeta Kydelmir
Abordou a reciclagem
Como tema de cordel
Pra ele tiro o chapéu
Por ser forte e ter coragem

O escritor traz consigo
O bom uso da linguagem
Lendo livros nos encanta
Nos leva para viagem
A viagem do saber
É preciso conhecer
Para não falar bobagem

Tanto Maria Rezende
Como o nobre Kydelmir
Escreveram lindas obras
Pronta para imprimir
Deles, vejo a competência
São obras de excelência
Algumas delas já li

Sou grato aos escritores
Por tanto conhecimento
Homenagem merecida
Neste exato momento
Pra eles tiro chapéu
Eles merecem troféu
Pelo seus ensinamentos

Ensinaram que a leitura
Deve ser fundamental
Na vida do ser humano
Tem que ser habitual
O que ler com excelência
Desenvolve inteligência
Se torna intelectual

(Sobre o autor: Cicero Seneilton Felipe Dias, professor da Rede Pública,
Mauriti - CE)

Menino do Sertão

J. William Chaves

No sítio vivi menino,
Com meus primos na vaquejada,
Entre riso e liberdade,
Brincadeira improvisada.
Hoje cada um seguiu
Sua estrada tão sonhada.

Na cozinha da vovó,
Era grande a emoção,
O cuscuz cheirava forte,
Café quente no fogão.
E marcou minha memória
A panela de carvão.

Foi na roça que aprendi
Que a vida é feita em luta,
O suor do lavrador
Ensina e também ajuda.
Com coragem e com fé
A esperança se executa.

Segui depois para a rua,
Com coragem e caderno,
Cada letra conquistada
Virou sonho mais eterno.
Vi no estudo um caminho
Para o futuro mais terno.

Itaporanga me espera,
Com o Cristo iluminado,
De braços sempre abertos,
Meu destino é abraçado.
Nessa terra encontrei
Um futuro preparado.

No IFPB sigo firme,
Na trilha das construções,
Edificações me chamam,
Com projetos e paixões.
Cada planta desenhada
Vai erguendo gerações.

O tijolo é como sonho,
Cada traço é direção,
Um futuro edificando
Com saber e coração.
Quem aprende a construir
Ergue mais que construção.

Mas às vezes vem o medo,
De falhar no que sonhei,
Lembro noites de silêncio
E as lutas que já passei.
Mesmo fraco me levanto,
Pois na fé sempre encontrei.

Nossa Senhora me guia,
É estrela a reluzir,
Com seu manto protetor
Me ensina a prosseguir.
Com Jesus no coração,
Nada pode me impedir.

Raízes que me sustentam
E horizontes a brilhar,
Do sítio até a cidade
Nunca deixo de lembrar.
Sou menino do sertão,
Mas com o mundo a sonhar.

(Sobre o autor: José William Souza Chaves, estudante do IFPB, Igaracy – PB)

O velho e o juazeiro

Nilda Cordeiro

Juazeiro meu amigo
Venho aqui te visitar
Demorei chegar aqui
Por não poder mais andar
Se me curvo para ti,
É por tão corcunda estar.

Eu peço vossa licença
E em teu tronco descansar
Minhas pernas com dormência
Preciso em ti me apoiar
E aqui na tua presença,
Em tua sombra relembrar.

Do tempo que eu era moço
E na roça trabalhava
Vinha beber água do poço
Que na cabaça guardava
E quando na hora do almoço
Nas tuas raízes sentava.

Depois, aqui no teu tronco
Minha cabeça encostava
Chegava até dar um ronco
Dos cochilos que eu tirava
Não era por ser um bronco,
Mas tanto que eu trabalhava.

Lembro com muita doçura
Que no teu galho todo ano
Tinha cuscuz e rapadura
Numa mochila de pano
Sempre tinha com fartura
Da fome ficava sano.

Lembro o quanto senti medo
Quando eu me apaixonei,
Como um amigo, em segredo
Foi em ti que confiei
Todo aquele meu enredo
Apenas pra ti contei.

Como o tempo foi passando
Eu com ela, me casei
O nosso filho criando
Com pobreza e “aperrei”
Mas em Deus acreditando
E fome, nunca passei.

Minha amada já partiu
Foi morar na eternidade.
O meu coração feriu
Sofrendo a dor da saudade,
Minha vida sucumbiu
Entre a morte e a enfermidade.

Se tu soubesse falar
Com certeza me dizia
Que viu meu filho brincar
Na tua sombra todo dia,
Eu na roça a trabalhar,
Do sol, meu filho tu protegia.

Ele cresceu, foi embora
Longe de mim foi morar
Meus netos até agora
Não foram me visitar
Acho que já está na hora,
Da morte vir me buscar.

Juazeiro, será teus dias
Tão tristes iguais aos meus?
Não tenho mais alegrias
Só resta te dar adeus
E ter sua companhia
Até o chamado de Deus.

Sempre fostes majestoso
Meu amigo juazeiro!
Hoje estou tão velho, idoso
Perto do desfiladeiro,
Mas me sentindo um honroso
Por você está inteiro.

Ao terminar de dizer
Sua voz enfraqueceu.
Olhos não podiam ver
A luz desapareceu
E a sua mão a tremer
Da bengala se esqueceu.

Vendo que a hora chegou
Uma lágrima escorreu,
O último gemido ecoou
No corpo o frio percorreu,
Juazeiro testemunhou
A conclusão que se deu.

Não tinha mais a memória
A consciência acabou
Deixando sua trajetória
E um corpo que o tronco abrigou
E as rimas da triste história
Dos amigos que a morte separou.

(Sobre a autora: Nilda Maria Cordeiro Lopes, escritora, Princesa Isabel – PB)

Palavra que Não Se Cala

João almeida

No terreiro da cultura
Minha rima vai soar,
Sou guerreiro da escritura
Com vontade de lutar.
Se a vida fecha caminhos,
Meu verso vem desbravar.

Sou raiz de um povo forte,
Do sertão, da tradição,
Carrego em mim o norte
De coragem e união.
Na cantiga da esperança
Bate firme o coração.

Cordel é voz que desperta
É memória e é raiz,
É trincheira sempre aberta
Pra que o povo seja feliz.
É bandeira levantada,
É justiça que se diz.

Quando o tempo é de fraqueza,
Levanto a rima no chão,
Transformo dor em firmeza,
Tristeza em libertação.
Cada verso é um clarim,
Um grito da multidão.

Não me calo diante da dor,
Não me rendo à opressão,
Minha pena é lutador,
Minha estrofe é precisão.
Sou poeta mensageiro,
Sou da luta e da nação.

O cordel não se limita
A cantar só fantasia,
É verdade que palpita,
É coragem e poesia.
É a alma do povo vivo
Revestida em rebeldia.

Tenho o sangue do Nordeste
Pulsando dentro de mim,
Minha voz nasce agreste,
Ecoando até o fim.
Sou poeta do destino,
Sou coragem sem jardim.

Cada verso é resistência,
Cada rima, um trovão,
Cada estrofe é consciência,
É poder na multidão.
Quem escreve com coragem
Não se curva à submissão.

Cordel é chão de batalha,
É a tocha do saber,
É bandeira que não falha,
É coragem de viver.
Mesmo em tempos de silêncio,
Ele insiste em florescer.

No sertão e na cidade
Minha voz quer ecoar,
Sou poema de verdade,
Sou raiz a germinar.
Minha rima é voz do povo,
Que não deixa de sonhar.

E se tentam apagar
Minha luta, minha cor,
Minha rima vai gritar
Com a força do tambor.
Sou poeta insurgente,
Sou semente do amor.

Assim sigo o meu caminho,
De cabeça erguida e fé,
Sou guerreiro, sou vizinho,
Sou da terra que quiser.
No cordel deixo marcado:
Sou do povo e dele é.

(Sobre o autor: João Vitor de Almeida Silva, estudante do IFPB, Belém de
Brejo do Cruz - PB)

Somos passado, presente e futuro

Isabelle Diniz

Mulheres são resistência
São raiz da sociedade
Meninas são esperança
São voz, são diversidade
Juntas fazem a nação
Mais justa com inclusão
De valor e de equidade.

Não precisa ser tão sábio
Basta parar pra notar
A presença feminina
Nos espaços a ocupar
Buscando sempre respeito
Igualdade e direito
Um planeta restaurar.

Greta, jovem ativista
Quer biodiversidade
Preservar o ecossistema
Quer sustentabilidade
Realça que natureza
É nossa maior riqueza
Para toda eternidade.

Malala, grande figura
Mundial é referência
Lutou pra e pelas meninas
Terem saber e ciência
Derrubou o velho padrão
Ampliou a educação
Fez exalar bela essência.

Em campo temos rainha
Atletas a encantar
Fada Rayssa no skate
Rebeca Andrade a brilhar
Com garra e felicidade
Mostram que não há idade
Para o esporte praticar.

Carolina de Jesus
 Fez o povo refletir
 O quanto uma negra sofre
 Pra no país existir
 Com "Quarto de despejo"
 Diz: Mulher, mãe tem desejo
 De injustiças sucumbir.

Quantas na literatura
 São pra nós inspiração
 Maria Rezende, Clarice
 "Olhos d'água", Conceição
 Deixam fatos tão reais
 Voz, vez, textos imortais
 De força e reflexão.

A Fernanda Montenegro
 Filha Torres em ação
 Ilustre Glória Maria
 Falam a população
 Tem-se gigantes artistas
 Atrizes e jornalistas
 Em nossa televisão.

Tantas mulheres em casa
 Zelando pelo seu lar
 Cuidando e protegendo
 Para nada vim faltar
 São chamadas de coitadas
 Sempre invisibilizadas
 Ensinadas a aceitar.

Quantas estão no roçado
 Em meio à agricultura
 Gerando pro território
 Alimento e fartura
 Sendo sempre esquecidas
 E jamais reconhecidas
 Por serem nossa estrutura.

Fenomenais são as mães
 E ficarão na memória
 As que lutam pelos filhos
 Terem sucesso e vitória
 Ganhar e não fazer feio
 Saber do lugar que veio
 Sua casa e sua história.

As garotas e meninas
Também estão a lutar
Por um agora e futuro
Possível de se sonhar
Onde a criminalidade
Violência e maldade
Possam aqui não estar.

Muitas mulheres, meninas
Foram e estão caladas
Possuem feitos brilhantes
E no fim não são lembradas
Como seres de valor
De exemplo e esplendor
Que sofrem injustiçadas.

Somos todas femininas
Marias a caminhar
Levando em nossos braços
Tudo e todo lugar
Com garra e ousadia
Foco, luta e alegria
Sem jamais desanimar.

Temos nome de Maria
Podem assim nos chamar
Somos dessa descendência
Capazes de germinar
Batalhar pra conseguir
Cair, levantar, seguir
Se autoempoderar.

Um dia, tenho certeza
Que iremos festejar
Quando todas as Marias
O respeito conquistar
Espaço sem divisão
Que prevaleça união
Paz e amor a reinar.

(Sobre a autora: Maria Isabelle Diniz Moura, estudante do IFPB, Picuí - PB)

Contos

A Carta e a Rainha Louca

Marina Andrade

Hoje li uma carta escrita em papéis roubados, que chegou até mim por verdadeiro milagre tecido pelas mãos de mulheres invisíveis.

Soube que uma velha escrava do Recolhimento da Conceição, em Olinda, ocupando-se de uma prisioneira morta, percebeu o monte de folhas protegido como um filho dentro do abraço frouxo do cadáver. Sem habilidade para decifrar os códigos caligrafados, a preta intuiu a importância daquelas páginas pela força com que o corpo desfalecido lutava para mantê-las junto de si. Entregou-as, então, à outra cativa letrada em quem confiava porque ela lhe devia a roupa que vestia – e isso era tudo o que a infeliz possuía naquele pedaço podre de mundo.

A mulher, com olhos esbugalhados de súplica, disse-lhe rapidamente que se tratava de propriedade alheia, furtada de gente mais importante. Por isso, deveria ser encaminhada de imediato ao Convento do Desterro, antes que qualquer acusação se apressasse em agravar a sua situação, já insuscetível de mínima piora.

Contagiada pelo medo, a escrava se esforçou para convencer outra negra que estava sendo transferida para a Bahia a devolver o produto do crime, em troca de nada, pois nada tinha. A motivação dos miseráveis que se ajudam parece ser apenas a esperança que Deus esteja atento aos seus atos de bondade.

No Desterro, a carta descansou no colo de uma irmã que viria a ser sua penúltima portadora, antes de mim. Ao revelar o que carregava consigo, a negra mensageira implorou que ela acreditasse em suas sinceras intenções de restaurar o patrimônio das Clarissas e, com benevolência, foi atendida.

A freira conhecia a história de Isabel das Santas Virgens. Na versão amplamente difundida pelos padres inquisidores para dissuadir condutas semelhantes, ela havia sido responsável pela criação de um convento clandestino na região das Minas. Após ler a carta inteira, a noviça se sentiu honrada por Deus ter-lhe confiado a tarefa de preservar aquelas memórias e guardou em segredo as escrituras que julgou sagradas. Quase duas décadas depois, quando ouviu que eu havia me instalado no Brasil com a Corte Portuguesa, ela se deu conta de que a sua missão não seria somente velar pelo passado da beata injustiçada, mas reparar seu fim como indigente e realizar, enfim, o sonho da missivista.

Num arroubo de audácia, decidiu endereçá-la ao Convento do Carmo, no Rio de Janeiro, meu improvisado domicílio – nunca lar. Indicou em rebuscadas letras como remetente *“Isabel, a Santa Morta e Fidelíssima Súdita de Vossa Majestade”*. Acrescentou no canto, ainda, uma nota alertando que era da incontestável vontade do Nosso Senhor Jesus Cristo que a mensagem alcançasse o seu destino ambicioso, sob os cuidados da Rainha D. Maria I.

A astúcia de cada detalhe naquele envelope me atiçou tanto a curiosidade que não pude resistir à vontade de abri-lo. Dentro, sobressaía no bolo imundo a única folha nova, imaculada, na qual encontrei a explicação sobre os caminhos tortuosos da carta desde o Recolhimento até o Desterro. Encerrou-se, em minhas mãos, a sua peregrinação.

Comecei sem ânimo a ler as primeiras páginas infestadas de lamúrias. Já não me bastavam as minhas? Vivo cada vez mais afundada na melancolia na qual me abandonaram meu marido, meus filhos José e Mariana, os sítios de Portugal, e até eu mesma. Contudo, conclui que, se recebo mensagens dos mortos, é melhor tratar de descobrir o que eles querem me dizer.

Avançando na leitura, causou-me surpresa que eu ainda conseguisse sentir algo além de profunda indiferença. É uma coincidência realmente espantosa que eu esteja agora em um Convento no Brasil... Por ironia, presa também, só que em meu corpo limitado de bom juízo e saúde.

Pensava que não tinha fibra nem nervos para sustentar o peso das desgraças que a pobre Isabel denunciava inutilmente, mas fui arrebataada pela sua vontade incansável de conquistar a própria liberdade. Escrever a salvou, salvou e salvou. Ao final, produziu sua única descendência, que sobreviveu para concretizar a plenitude das ambições de sua mãe. Haveria para mim a mesma esperança de salvação?

Pela primeira vez, invejei a súdita que me escreveu. Como as reiteradas derrotas sofridas nas batalhas que travou como Isabel, Joaquim, João e novamente Isabel não aniquilaram o seu espírito? Eu, em tudo mais privilegiada, sucumbi à influência do Diabo. Ouço pessoas murmurando que enlouqueci e tenho ímpeto de dar-lhes razão. Já me insurgi contra essa vida que se arrasta.

Sim, sou Rainha. Mas percebi cedo que são necessárias mais letras para formar o feminino de Rei. E as letras adicionadas servem apenas ao apelo diminutivo.

Jovem, tomaram-me por esposo meu tio, Pedro, honrado varão de Bragança, para manter a força da minha Casa. Viúva, o meu filho João assumiu as decisões de Rei de Portugal, Brasil e Algarves. Julgar-me incapaz de governar, mesmo sabendo que é de mim que o menino extraía ordens travestidas de conselhos.

Sempre deram-me um homem de bengala, como se a obediência exigisse qualquer terceiro volume apontando para o chão e não fosse herança absoluta de meu sangue.

Ainda assim, posso dizer que consegui vingar a incapacidade do meu sexo. Conheci a tolice de senhores poderosos e os fiz sentir a violência em minhas veias. Mandeí ao exílio alguns traidores do Reino; outros, à morte.

Tudo isso já é sabido e não pretendo repeti-lo. Desejo registrar, honestamente, o que nunca pude dizer ou pensar. Sinto-me em conforto de véspera de morte, cansada demais para dissipar energias censurando-me.

O que vi dos homens é que, mais ou menos nobres, todos anseiam por colo quando seu orgulho é ferido. Depois, porque se envergonham de sua fraqueza, recomeçam a reivindicar pormenores esdrúxulos só para esbarrar em sentimentos de ódio e competição, que lhes restaura o masculino.

Refestelam-se em guerras para que limpemos suas bocas ao final. E então encomendam estátuas, pinturas e canções sobre suas vitórias, em patética vaidade.

É uma pena que sejam tão brutos os donos do mundo.

Hoje nada posso fazer. Não me interessa mais sequer ser. Nem piedosa, nem louca, nem Rainha, nem Maria. Termino a vida em tristeza e nostalgia neste maldito Rio de Janeiro, cuja falta de civilidade contribui para azedar o resto dos meus dias.

Em meus passeios, sou invadida pelo cheiro repugnante de restos de comida e de gente, misturado à densa maresia. As conversas frívolas das bajuladoras que me acompanham e os gritos das negras de tabuleiro tornam impossível qualquer lazer. O calor úmido me cola o veludo às costas sem que eu tenha vestes mais apropriadas para o desafio de sobreviver nos trópicos. Da minha carruagem, fito o contraste grotesco entre as minhas delicadas luvas cor de luto e os braços pretos dos negros que me carregam, úteis como bois. E o que não vejo é ainda pior: as pessoas que amei e os lugares onde há muito tempo fui feliz. Tudo aqui é excesso — de dor, de suor, de barulho, de saudade — e eu, rainha, não passo de mais uma coitada.

Se acaso soubesse antes que estaria destinada a definhar lentamente nesta terra que só me servia em lucros, como teria agido?

Invejo novamente a carta que li, que encontrou redenção retornando à sua origem. Eu não terei o mesmo fim, condenada ao plano de deus ou do demônio de morrer neste lugar, prelúdio do inferno.

Que, ao menos, lá faça companhia ao meu pai. Isabel, que expurgou todo sofrimento em vida, certamente não avistarei. *Amen.*

(Sobre a autora: Marina Freitas de Andrade Rangel, João Pessoa - PB)

O artesanato quebrado

Raoni Xavier

Cabelo descolorido da facção, bermuda de surfista com brasão do Flamengo, regata, o boné e o óculos deviam ter sido levados. Tinha nem vinte anos, aquele. Largado na areia de papo pra baixo como se tivesse caído bêbado da farra. Tão jovem. “Ele não morreu, lhe roubaram o tempo”, dizia a frase de um filme que vi. A polícia foi rápida, fechou a conta e passou a régua. Tudo estava certo pra sargento Vidal. Queima de arquivo ou baixa da guerra. O fato de não haver tiro nem facada não era nem um pouco relevante pra ela. Foi veneno, disseram. Não importava, nenhum familiar ia aparecer pra reclamar. Era menos um fazendeiro inferno. O objeto que faltava nessa cena era importante, mas talvez a sargento rebolesse ele no mato sem se dar conta.

Três dias depois do ocorrido, eu estava na merda. Era noite, eu dormia deitado, papo pra lua, no meu beco preferido entre as palhoças. As pernas dançavam no meio de piolas de cigarro, tampas de garrafa e patas de caranguejo. Meu travesseiro era um cuscuz de areia cuidadosamente moldado com as mãos. As garrafas vazias dos meus excessos me faziam companhia. A minha boca, de tão seca, prendeu o ar, e eu acordei engasgado de vazio. Levantei rolando e algo me cortou as costas. Enquanto a cabeça latejava, lembrei do que eu havia enterrado embaixo de mim. Geralmente enterrava uma garrafa de cana da boa que guardava pra ocasiões especiais — a areia fria deixava ela na temperatura certa —, mas dessa vez desenterrava meu baú do tesouro, ou meu amuleto de maldição, enfim, coisa que só em história de cinema.

Ocultação de prova é crime, devia ter lembrado disso antes de subtrair o artesanato. Ah, mas que se lasque! A sargento Vidal arremessaria o artesanato na mala da viatura, onde ele ficaria bolando até ser jogado fora numa limpeza, até parece que não conheço esses tipos. Foi difícil arrancar o objeto da mão rígida do moleque. Uma ampulheta quebrada e vazia no meio de um mar de areia. O vidro quebrado era como sete facas amoladas. Fui mesmo muito burro de dormir por cima disso. Mas o que é um corte de vidro nas costas diante da punhalada que a vida me deu? Oh, Leninha, cadê você pra me ajeitar?

Era uma ampulheta quebrada, vazia. Tinha aparência artesanal, corpo de madeira de balsa, adornado com marcas em pirógrafo. Nas extremidades, duas bandas de coco seco cortadas em meia-lua serviam de tampas. A única peça industrial devia ser o vidro. Mesmo as emendas eram improvisadas com cola branca e corda de sisal. O que fazia o moleque da facção com aquele artesanato na mão na hora do seu fim? Aquilo não se encaixava com o perfil nem com a cena. Essas perguntas dançavam na minha cabeça, de mãos dadas com a ressaca. “Ele não morreu, lhe roubaram o tempo”. Quem havia roubado o tempo daquele moleque? A facção ou o sistema? “O sistema é foda”,

dizia outro filme. Na verdade, havia apenas uma pergunta, uma que há muito tempo eu vinha fazendo.

A morte da minha mulher foi como um tapete que alguém puxou. Leninha era o meu centro, o pivô da minha bieleta. Eu chegava do trabalho pilhado e ela me acalmava, me ajeitava no sofá pra gente ver um filme, ela adorava filmes. Logo as visões de violência da minha rotina davam lugar às visões fantásticas dos diretores. Ela tinha uma habilidade incrível de decorar os nomes de todos os atores. Achei que passaria a minha aposentadoria assim: aquele é o Jack Nicholson, essa, deixa ver, ah, é a Gladys George, aquele menino, como é, ah, Harrison Ford. Mas o câncer roubou o nosso tempo. Sem ela, minhas culpas criaram raízes e meus vícios todos vieram até mim, viraram meus amigos e tutores. Eles me ajudavam a me distrair e esquecer das vezes que fiz vista grossa, que aceitei um agrado, que rebolei uma pista no mato.

Limpei meu sangue do vidro com a camiseta e percebi algo escrito a pirógrafo no verso de uma das bandas de coco seco que fechavam a ampulheta. Através do vidro consegui ler “Luana e Cauã 2022”. Era um presente, afinal? Me levantei decidido; não sei qual dos dois, se a embriaguez ou a culpa, me fez levantar determinado a resolver aquele mistério. Propósito é algo que a gente fica caçando quando se é aposentado, atormentado e sozinho. De alguma maneira aquele moleque parecia com tantos outros que vi caídos diante desses olhos.

Perambulei entre as barracas fechadas, arrastando meu corpo empanado de areia. A arquitetura das palhoças formava becos e vielas caóticos. Desviei de cocos vazios, cadeiras de bar, cacos de garrafas e baratas. Entre um beco e outro, uma vista do mar iluminado pela lua; nele os barcos dos pescadores acenavam, pra cima e pra baixo. Bem acima da copa das barracas, o vento tocava seu *jazz* na palha dos coqueiros. Jangadas velhas e abandonadas dormiam sobre os morros de areia, onde a vegetação rasteira estendia sua renda. Era nosso sonho, passar nossos últimos dias na praia, um sonho bem comum por essas bandas. No ponto de ônibus, gastei minhas últimas notas amassadas de real e peguei um circular; um amigo me disse que essa Luana morava a duas praias dali.

Da janela do ônibus pude ver melhor o cenário em que tenho passado meus dias. Um mar de criaturas da noite, que perambulam feito vagalumes buscando luzes de postes ou barracas acesas. Putas, jogadores de baralho, pés-inchados, vendedores de miçangas, vendedores de facilidades, vendedores de prazeres; a única coisa que não está à venda à noite são os sonhos. Cada um carrega seus pesadelos e cuida deles com carinho, como se crianças fossem. São pesadelos jovens que não tiveram tempo de virar sonhos. “Eles não morreram, lhes roubaram o tempo”.

Na tal praia, entre duas colônias de barracas, numa casinha, fundos de um bar, encontrei a mãe da Luana. — Deus seja louvado! Olha a qualidade dos amigos dela! — disse a senhora, sem conseguir

esconder o nojo que tinha do meu bafo de cana. Era uma mulher grande, braços fortes, nos quais carregava um bebê e uma bíblia. Por cima do seu ombro, na escuridão, pude ver outras cabecinhas de criança esticando seus pescoços. — Ela é cabeça vazia que nem o pai, aquele bêbado! — Entre uma reclamação e outra, a mãe de Luana segurava a bíblia com força e os olhos se enchiam de lágrimas. — Ela não está aqui, mora na praia agora, com aqueles demônios que vendem artesanato! — Eu conhecia bem esses demônios, já autuei alguns, estapeei outros, não porque tivessem feito nada, era só pra vazar o estresse.

Ao que parecia, a menina Luana tinha fugido de casa, mais ou menos; voltava quando a coisa apertava, pra comer a comida da mãe e levar surra também. Estava morando numa barraca de acampamento com uns bicho-grilo na praia. Quem sou eu pra julgar, um bêbado fedido que dorme abraçado com uma garrafa. Vai ver ela tá seguindo seu sonho, enquanto não roubam dela o tempo. Conversando, descobro que o sonho dela era outro.

Debaixo de uma lona na areia, Luana me mostrou uma série de ampulhetas iguais, artesanato feito por seus amigos e vendido nas praias. — Mas por que esse tem o nome de vocês? — Luana contou que ela e Cauã estavam planejando se casar. Que a ampulheta foi um presente dela e que, segundo seus amigos, era símbolo de que iriam ficar sempre juntos, um lado grudado no outro, como o infinito.

Ah, a inocência nesse mundo, ao mesmo tempo bonita e triste. Era uma menina forte, disse que havia chorado muito quando recebeu a notícia pelo celular. Mas eu percebia que ela ainda não havia chorado o suficiente, que estava apenas sendo forte, tentando aproveitar da melhor forma o tempo que tinha. Luana inclinou-se e vomitou na areia. Devia estar se alimentando mal. Perguntei se ela queria a ampulheta de volta. Ela disse que não, que isso só iria trazer lembranças que ela queria esquecer. Me contou como se conheceram e outras coisas.

Nossa conversa foi interrompida por um empurrão. Até cair na areia, contei mais dois socos e um pontapé. Um dos amigos de Luana havia me reconhecido. Só não me enterrou ali mesmo porque os camaradas dele o trouxeram à razão: não era bom mexer com gente como eu; por mais decrépito que estivesse, poderia ainda ter amigos. Catei a ampulheta e saí dali xingado, dolorido e cuspidor. Me sentei numa jançada velha e massageei as pancadas. *Ela disse Sete Navalhas?*

Antes de eu ser atacado, Luana me contou por que o casamento deu errado. O tal Cauã havia se afastado sem dar explicações, dizia que estava sendo perseguido pela facção, que não era seguro ela estar com ele. Foi quando ela descobriu a verdade. Disse que ele estava traindo ela com a Rainha do Sete Navalhas. O salão Sete Navalhas não era uma barbearia, era uma casa de prostituição disfarçada de cartomante. Muito frequentada pelos moleques da facção, que iam lá pra ler a mão e saber se seu fim estava próximo, ou pra “fazer barba, cabelo e bigode”. Eu entendo, esses moleques dançam com a morte

o tempo inteiro, precisam de um alívio pra tensão ou de uma ilusão pra retardar a marcha do tempo sobre suas cabeças. Mas por que ele estava com o presente na mão na hora do assassinato? E do que ele morreu, se não havia tiro nem facada? A facção não age assim. Estaria jogado no mangue, com o corpo feito tábua de pirulito, se fosse pela facção. A melhor parte é que o Sete Navalhas ficava bem perto da cena do crime.

Voltei a pé, não tinha mais dinheiro pro busão. Fui rastejando e pensando no Cauã, na Luana, na Rainha, na ampulheta e em todas as ligações que a cabeça de um velho bêbado conseguiria fazer. *Oh Leninha, que falta você faz.* No caminho encontrei um antigo colega do trabalho, aposentado. Ele quase não acreditou que era eu. Caminhou comigo alguns metros e me contou o que sabia da morte desse moleque. Ele disse que foi um furdunço aquilo tudo, que os donos dos hotéis, dos bares, das casas noturnas estavam cobrando explicações da sargento Vidal, aquilo tudo era muito ruim pro turismo. Por mais que o cara fosse um zé ninguém e tivesse morrido na praia da vila, pra turista, praia é praia, iria afetar todas elas. A Vidal então pegou umas viaturas e foi lá na favela cobrar explicações. Teve tiro, matou mais uns três por lá. *Matou mais uns três por lá.* Quando ele disse isso fiquei aperreado, coração acelerou, respiração virou suspiro. Ele notou minha inquietação. Projetei um adeus, meio sem jeito, e saí de perto. Sumi entre as palhoças. Isso nunca havia acontecido; eu ficava irritado quando passava muito tempo sem beber, mas nunca havia surtado desse jeito. Acho que estava envolvido demais com a morte daquele moleque.

Continuei a pé, pela areia que era pra amortecer as dores do corpo. No caminho pedi um trago no Bar do Biu, foi sem dinheiro mesmo — ele me devia, dei sumiço num de-menor que perturbava a clientela, uma vez. O pileque ajudou a aliviar as dores e tensões. Tentava afastar o moleque da minha cabeça, mas o vidro do copo me lembrava o vidro da ampulheta. Vidro quebrado, ampulheta vazia. Um mar de areia.

Tomei coragem e fui falar com Deuzalete. Deuzalete Pinga Fogo era seu apelido. Ela esfaqueou um cliente abusador uma vez e eu fiz vista grossa, o cara era otário e não gosto de ver mulher apanhando, sorte dela que ele não era gente rica. Ela já havia morado no Sete Navalhas, conhecia o lugar muito bem. Ela estava no seu ponto, arrumada, esperando os clientes que passavam de carro pela orla. — O moleque era o protegido dela — disse Deuzalete. — Diziam que os dois eram amantes, eu mesma nunca vi nada. Só sei que Dona Netusa ficou muito braba quando soube que ele queria se casar com a menina das miçangas. — Era isso, estava resolvido, foi passional. Netusa, Rainha do Sete Navalhas, cega de ciúmes, devia ter envenenado o garoto, que morreu a poucos passos do seu salão.

Pedi o celular de Deuzalete emprestado e liguei pra um contato do IML. A negligência é grande, mas o laudo de falecimento tem que sair, o legista tem que ganhar o seu. Meu compadre Vandervael foi atrás

do arquivo na hora pra mim. Já me ajudou antes, alterou uns laudos. Àquela altura, o laudo já devia ter saído. No sistema estava escrito: parada cardíaca. Perguntei se era quente. Ele disse que sim, o moleque não era ninguém, afinal. *Parada cardíaca? Não faz sentido, traço de veneno, de overdose, nada. Como é que um moleque vigoroso desse morre assim? Preciso ir até o salão, preciso falar com Netusa.*

No caminho passei por um forró famoso, um inferninho. Era frequentado pelos ricos dos apartamentos, homens casados, políticos. Eles desciam em busca de prazeres na vila porque aqui as meninas são descartáveis, se algo vier à tona elas vão abaixo. Já estive lá algumas vezes apartando brigas. Numa delas até me demorei demais. *Oh Leninha, tenha dó, a carne é fraca.* Virei o rosto pra não ser reconhecido. Reginaldo Rossi e Odair José se revezavam na caixa de som. Nos becos, o ar tinha um cheiro vermelho, mistura de perfume barato e prazeres da carne. Senti faltar força nas pernas. A idade vem devagar, mas às vezes ela acelera. Me sentia como um verme, cuja única opção é se arrastar.

Lá estava ele, O Sete Navalhas. Na entrada, dois seguranças da facção, com seus cabelos descoloridos e seus cordões (se tivessem vinte anos seria muito), me encararam com aqueles olhos de carcará; eu olhava pra baixo: não se olha nos olhos de cachorro louco, também temia ser reconhecido. O movimento estava fraco. Netusa estava recolhida na sua alcova. Atravessei uma parede de contas e búzios. Encontrei ela enxugando lágrimas. Sobre a mesa, um tarô já preparado ao lado de uma imagem de nossa senhora. Netusa se recompôs depressa, cruzou as longas pernas como se fossem duas toras carnudas de coqueiro a rolar sob o vestido vermelho. Seus olhos, mesmo com maquiagem borrada do pranto, eram capazes de seduzir o oceano. Ela fez menção de que queria ver o dinheiro. — Vim pelo Cauã. — Ela arregalou os olhos e pediu que eu sentasse depressa, olhou sobre meu ombro, com medo que os moleques tivessem escutado.

Netusa contou sussurrando que foi tudo um engano. Disse que a facção estava toda alvoroçada, achando que o assassinato tinha sido culpa da outra facção. Uma guerra fria estava rolando. — Mas o garoto vinha muito aqui. — O olhar dela mudou na mesma hora ao sentir minha insinuação. — O povo acha que sabe de muita coisa, mas o povo não sabe é de nada — disse ela, arrumando a postura e o vestido. Netusa contou, ainda indignada, que o moleque era seu protegido, não por sexo, nem queria nada com ele. Ela disse que ele tinha medo de ser morto, que ele sentia que o tempo dele estava contado. Disse que queria muito fugir com a menina das miçangas e deixar tudo aquilo pra trás. — Eu fiquei comovida, a inocência é tão bonita e tão rara por aqui. — Ela disse que ajudou como pôde, que ele sempre foi um menino muito bom pra ela e pras suas meninas.

A Rainha do Sete Navalhas fez o que fazia de melhor. Vendo o desespero do moleque, combinou com ele um trabalho. A ampu-

lheta, o presente da miçangueira, seria uma oferenda a Irokô, um símbolo, uma garantia de que ficariam juntos pra sempre. Ele só teria que quebrar, despejar a areia velha e colocar areia nova, misturando nessa nova areia um pouco do seu sangue. Nessa hora Netusa olhou pra ampulheta quebrada e vazia nas minhas mãos e libertou uma lágrima que vinha sendo contida. — Eles vêm aqui precisando de mim, muitos não voltam, e tudo que eu posso fazer é dar a eles um pouco de esperança; são como essa ampulheta vazia, quebrada, roubam deles a areia. — “Ele não morreu, lhe roubaram o tempo”, a frase do filme na minha cabeça. Aquilo entrou pelos meus ouvidos e passou pela minha garganta, trancou tudo. A respiração ficou ofegante, me levantei pra ir embora. Netusa agarrou a minha mão, o olhar de Rainha do Sete Navalhas retornou ao seu rosto. — Você já roubou muito o tempo deles, mas o seu também foi roubado, não se torture.

Rastejei pela areia até o local do crime com o artesanato quebrado na mão. *Ataque cardíaco? Talvez. Esses moleques vivem no fio da navalha.* Mas isso não importava mais. Decidi enterrar a ampulheta ali. Aquilo não traria o tempo do moleque de volta, nem o meu, nem o de tantos outros moleques cujo tempo roubei, mas era um gesto bonito e inocente, coisa rara. Leninha iria gostar. No local onde estive o corpo, encontrei Luana chorando. Minhas perguntas deviam ter revolido a areia no seu coração. Ela tinha ido dizer adeus pela última vez. — Foi aqui? — ela perguntou ao me ver. Só acenei com a cabeça. Ela ficou ali olhando pra areia. Estendi a ampulheta pra ela. — Eu ia enterrar esse artesanato, mas seria melhor você fazer isso. — Ao pegar o objeto, o vidro amolado a cortou. No mesmo instante lembrei do trabalho da Rainha. Areia e sangue. Enterramos a ampulheta. Conte pra ela do mal-entendido, do trabalho de Netusa e das reais intenções do moleque. Ela chorou mais um pouco. Mas, menina forte que era, enxugou logo as lágrimas e levou as mãos ao ventre. — Vai ver que de alguma maneira funcionou — disse, olhando pra mim. — Só queria ter tido tempo de contar pra ele.

(Sobre o autor: Raoni Xavier Lucena, servidor do IFPB, João Pessoa - PB)

Terra Fértil

Simone Simões

Os dias pareciam catingueira em brasa desde a revelação da vida se desenvolvendo no meu ventre. A semente crescendo bagunçava minha vida como as raízes do ipê que quebram a calça da frente da casa. *Eu, como terra fértil, não tinha escolha a não ser nutrir a semente plantada que o jardineiro descuidado simplesmente largou em minha superfície. Ser mulher é mesmo isso.*

O que ela não sabia é que enquanto estava imersa na sua densa floresta de pensamentos e sofrimentos, uma erva daninha era plantada em seu destino. Um feitiço tinha sido encomendado. A semente plantada em seu ventre era indesejada na família de seu rico jardineiro. Traria vergonha por ser ilegítima e por isso não poderia florescer.

Sou como a vegetação sertaneja, resiliente. A falta de chuva podia até me fazer murchar de tristeza. Mas, com o passar dos dias, sentir o bebê crescer no meu ventre foi como a chegada da chuva no dia de São José. A criança crescia a cada dia em minha barriga redonda denunciando sua feminilidade. Foi quando em uma tarde morna senti um vulto escuro entrar pela janela como um enxame de maribondos. As flores e folhas do ipê despencaram com um peso que elas não tinham. Subitamente, senti uma fisgada no meu útero. E descendo pelas minhas pernas um escorpião negro. O líquido viscoso vermelho vivo escorreu em seguida, inundando a sala. Eu me contorcia de dor. Invoquei Nossa Senhora do Bom Parto. Uma luz invadiu a sala. Pelas frestas das portas e janelas formigas saúvas traziam folhas de Jurema, perfilando-as sobre o meu sangue e formando um tapete verde. O cheiro doce de mel de jataí preenchia a sala e me entorpecida. Perdi os sentidos. Acordei deitada sobre o tapete de folhas e rodeada por flores de mandacaru. Escutava ao fundo uma cantiga ancestral. Ao tentar me levantar, uma entidade fluorescente pôs a mão no meu ombro. Levantou-se e me entregou, envolta em um manto azul celestial, a minha menina. Abriu a janela e pude ver o ipê carregado de flores tingidas de uma amarelo áureo. Da mesma forma que chegou ela se dissolveu na luz que penetrava pela janela e sumiu.

Ser mulher é mesmo isso, lutar contra o visível e o invisível. Lutar com armas de misticismo, buscar dentro de si mesma a sobrevivência.

(Sobre a autora: Simone da Silva Simões, João Pessoa – PB)

Crônicas

Humanidade em quatro patas

Luciano Santos

Diariamente, passavam por ele todos os tipos de pessoas. Dia e noite, sol ou chuva, passos apressados, olhares que não se detinham. Poucos “perdiam” um instante do seu tão precioso tempo para oferecer-lhe um gesto de afeto.

Ele estava sempre ali: ora perambulando pela praça, ora deitado à porta da igreja central. Invisível, inaudível, morador da solidão de uma vida de “cão de rua”. A rua não foi sua escolha, assim como ele não foi a escolha de nenhum ser humano. E, ainda assim, saudava cada manhã com um latido sorridente, uma reverência às pequenas vidas que passavam; ao entardecer, estendia um olhar, e à noite recolhia frio, insegurança e o descaso que se espalha feito neblina pela cidade.

Às vezes, um pão amanhecido era deixado ao seu lado. Outras vezes, uma mão rápida lhe aflagava a cabeça antes de desaparecer entre as ruas. Para ele, cada gesto simples era um mundo inteiro de atenção. Para nós, parecia apenas um instante perdido no relógio.

Ele falava, e ninguém o entendia. Ele pedia, e quase sempre ninguém lhe dava. Mas, no dia seguinte, bastava olhar em seus olhos para reencontrar amor e esperança. Mesmo depois de noites frias ou de insultos silenciosos, havia sempre um rabo abanando, uma expectativa doce no olhar.

E então percebíamos: os que mais nos ensinam sobre humanidade nem sempre são humanos. Ele não tinha casa, sobrenome nem garantias; tinha apenas seu corpo cansado e um coração inteiro. E, ainda assim, não guardava rancor de ninguém.

Sua lealdade, fidelidade e pureza pareciam invisíveis ao olhar do homem. Mas os poucos que o notavam, dotados de um mínimo de sensibilidade, sentiam uma conexão profunda com algo verdadeiramente puro. Era como se aquele cão carregasse, no silêncio dos seus passos, uma lição antiga, esquecida por nós.

Eu, que tantas vezes passei apressado sem reparar, um dia parei. Sentei-me ao seu lado e apenas fiquei ali, dividindo o banco da praça. Ele encostou a cabeça em meu joelho, e naquele gesto simples senti mais humanidade do que em muitos discursos inflamados.

Foi nesse instante que percebi o quão evoluído, em todos os aspectos, aquele “aumiguinho” já era. Um ser simples, esquecido pelo mundo, mas gigante no coração. Talvez, no fundo, fosse ele quem estava cuidando de nós.

(Sobre o autor: Luciano dos Santos Costa, estudante do IFPB, João Pessoa - PB)

Muito além dos muros e tetos.

Moab Silva

Já percebeu aqueles animais que são solto no seu habitat natural, depois de longo tempo de cativeiro? Que quando são soltos por mãos que não julgava amigas, ficam atordoados até, com a de repente liberdade, novamente na sua frente? Eles, esses tipos de animais, tem dificuldades pra por-se de novo em movimentos, se mexerem. Seu mover, então é tremulo e vacilante, incrédulo até. Por uma percepção minha, estão se dizendo: Estou mesmo livre? Não serei mais prisioneiros de correntes? Estou livre mesmo? Acho que até ali, quando seu campo de visão era restrito, o instinto dizia que não. Quem sabe quanto tempo se passou, que os medos vacilantes, por ver novamente o que significa a de repente liberdade, somente aos poucos é que toma forma num ser assim: No não-acreditar que está livre.

A vida, a nossa vida. Se permeia de tantas coisas, fica tão árdua as barreiras, que se tornam intransponíveis, quando se juntam aos cimentos, aos tijolos e areias, forma isso que temos a nossa frente: muros e mais muros, altos, mais tão, que não dá pra enxergar o que tem além deles. Na nossa perene ingenuidade, nos perguntamos: o que haverá do lado de lá? Porque existem esses muros? Porque será que não é permitido ver o que tem mais além? Porque tão altos e imponentes? Procuramos a resposta para essas perguntas, e elas não vêm. Passamos nossas vidas, esperando o eco das nossas perguntas. O tempo aqui não ajuda. Os muros altos a nossa frente, não deixa que eles nos cheguem. Uma pena. De tanto bater de frente neles, nem percebemos que bem acima das nossas cabeças, tem nesga de luz infinita, lá em cima, mas distantes. Acena até com certa esperança de liberdade, de voar, se voássemos. Temos asas sim, mas no nosso indesvendável intimo, elas estão recolhidas, quase sem serventia. Serviriam pra voar mesmo? Diremos pra nós, e será que com tanta relutância, o infinito acima, significaria liberdade? Será que nossos olhos nos enganariam mais uma vez? E se lá em cima fosse somente mais um teto? Na nossa ânsia por liberdade, pensamos em estender as asas e chegar lá em cima, porque não tentar? Talvez se morra tentando, que morramos no ato até. O receio é imenso, mas a liberdade pode nos levar a um vôo no infinito. Não pode ser tão ruim assim como o desconhecido nos mostra. Morrer tentando nos dá animo, e talvez nem tenha teto lá, passaríamos enfim, por cima do muro, quem sabe? Aí não ouviríamos os resmungos, os lamentos, os choros, os sobressaltos. O que foi feito de metal, se corroer, o ferrugem imprestável tomar conta de tudo. Veremos no transpor, os cupins se alimentando das madeiras, o cimento quase indestrutível, juntamente com a areia, tudo virar pó. Ver-se-á que além dos muros e tetos, a vida tem sua

razão de ser, nada importa mesmo. Pois o esperar, a liberdade está muito além deles. Dos muros.

(Sobre o autor: José Moacir da Silva, escritor, Cabedelo - PB)

Saga do acarajé

Júlio César Rolim

Desde pequeno eu sonhava comer acarajé. Via a iguaria baiana ser devorada com prazer pelas personagens nas telas do cinema, da TV e nas páginas de Jorge Amado. Morando em Jatobá, no Alto Serão Paraibano, nos anos 1990 encontrar acarajé não era uma missão muito fácil. Mas isso não me incomodava, sabia que um dia meu caminho gastronômico se cruzaria com o bolinho de massa de feijão.

Acontece que numa noite de setembro de um ano aí em que minha barba era rala, meus ossos mais expostos e minha cabeça maior, após uma tradicional festa de rua, vem a indefectível fome. Nesses eventos a cidade ficava cheia de barraquinhas, tinha de tudo: tiro ao alvo, sorvete colorido que era mais bonito do que gostoso ou gelado, drinks com nomes sensualmente sugestivos e propagandas melhores ainda, batata frita, pipoca, copos de alumínio com seu ou nome ou da pessoa amada gravado... No final da farra, dominado pela larica pós-festa, eu sempre procurava os carrinhos de cachorro quente, quanto mais recheio melhor. Porém nessa madrugada, passeando entre os canteiros da praça, a procura do sanduíche, me deparo com uma barraca com uma faixa branca com letras vermelhas: ACARAJÉ.

Paralisei. Pensei. Fiquei em dúvida: saciar a vontade de comer hot dog, meu lanche favorito, ou arriscar matar minha curiosidade e me jogar na culinária da Bahia. Sempre fui indeciso! Depois de várias luas de autoquestionamento, parti para o quiosque da mulher de turbante branco.

- Um acarajé.

- Quente ou frio?

- Quente. Claro. - Pensei que ela falava da temperatura.

Antes de satisfazer o paladar, fartei os olhos. Momento histórico precisa ser valorizado a cada instante. Em câmera lenta, suspensão, as pessoas ao redor fora de foco na minha lente. Boca de jacaré, abocanho o alimento com um desejo animal. Olhos fechados para não enganar a língua. Pausa... mordida... pausa... pupilas da esquerda para direita e da direita para esquerda, uma lágrima, não sei se foi a pimenta ou o desapontamento.

Não gostei do acarajé, perdi o cachorro quente, mas realizar sonhos é sempre bom, mesmo que o acordar seja ainda mais agradável que a fantasia. Fui para casa feliz, apesar de triste. Eu, que sempre gostei da ficção, me deparei com uma realidade decepcionante. Tudo bem, tive a experiência, valeu, decidi nunca mais comer acarajé.

O tempo passou, inúmeros calendários gastos. Anos depois fui morar em Campina Grande. Numa manhã qualquer, não lembro o dia, mas vou dizer que foi quarta, gosto da quarta, estava conversando com colegas de trabalho sobre comida, Bráulio fala o quanto ama acarajé, segundo ele: a coisa mais saborosa do mundo. Não resisti, retruquei de

imediatamente, não podia ficar calado. Conteí minha experiência, falei mais com as mãos do que com a boca. Ele passou os dedos pelo queixo repetidas vezes, franziu a testa e em pequenos movimentos do dedo indicador disse:

- Você comeu o acarajé de uma baiana? Baiana mesmo. Por aí tá cheio de baiana nascida na Paraíba, em Pernambuco...

- Não sei, não perguntei.

- Você não pode falar que não gosta de acarajé até comer um feito por uma baiana legítima.

Não me convenceu, mesmo assim a pulga despertou por trás do abano protetor de meu ouvido.

Certa vez, após assistir a um show do Roupas Novas na praia de Cabo Branco, em João Pessoa, saindo da orla na tentativa de pegar um táxi, entre barracas e mesas, uma se destaca. Paro, penso, reflito, decido. Vou lá, olho pra a moça e pergunto:

- Você é baiana?

- Do Pelourinho, meu rei.

- Pois me dê um acarajé. - Peço já tomando conta de um tamborete branco de plástico.

Desta vez não houve imagem em quadro a quadro, suspense ou romantismo. Apenas comi na tentativa de aproveitar o momento e o sabor. Tive a certeza de que acertei na cozinha. Vocês acham que gostei? Não. Detestei.

Voltei pra Campina sedento para encontrar Bráulio e contar que finalmente estive frente a frente com uma baiana verdadeira, provei seu acarajé e apenas comprovei minha primeira impressão. Na primeira oportunidade relatei minha experiência, convicto de minha verdade, meus braços gritavam. Ele balançou a cabeça, olhou pro teto, cruzou as pernas confiante ao exclamar:

- É porque você não comeu o acarajé de Lindete!

- Quem?

- É uma baiana. Nascida e criada em Salvador. Mora lá, mas vem todo São João para Paraíba, passa os trinta dias no Parque do Povo. Quem prova o acarajé dela não esquece. Passo o ano esperando junho só pra comer o melhor acarajé que existe.

Era janeiro, faltavam cinco meses para as festas juninas, eu podia esperar. Controlo minha ansiedade, a não ser quando ela me controla.

Fevereiro... março... abril... maio... junho! Parque do Povo: Maior São João do Mundo. Fui logo na abertura dos festejos, nem vi os fogos, rodei procurando Lindete, não a encontrei. Gente demais, deve ter sido por isso ou por causa de minha miopia. Passei a ir todas as noites, independente das atrações ou as músicas. Em vão, já estava pra desistir. Quando numa tarde, após um jogo da seleção brasileira, era copa do mundo, vencemos, olho para um vendedor de milho cozido, adoro milho, e vejo uma placa sobre um pequeno quiosque "Acarajé da Lindete", letras vermelhas de novo. Não pensei duas vezes, na verdade nem pensei. Corri pra lá.

- Quem é Lindete?

- Sou eu. Mande as ordens!

- Quero um acarajé, o melhor que você tiver. Sua especialidade.

Ele veio recheado, bonito, iluminado, cores em harmonia, fumaça dançando forró. Fechei os olhos, abri as narinas. Finalmente eu provaria o autêntico e legítimo acarajé. A cena cinematográfica voltou a acontecer, a trilha sonora ficou suave, numa crescente, ópera, até o êxtase: minha boca. Vocês acham que gostei? Não! Igual aos outros.

Não demorou a rever Bráulio. Vitorioso, contei a ele que havia chegado à conclusão final, provei a melhor versão do acarajé e reprovei. Encerrado, finalizado, não há mais nada a fazer! Meu amigo coçou a cabeça, olhou pro céu e sentenciou:

- Você só fala isso porque não comeu um acarajé na Bahia.

Pronto! Lascou! Vou ter que ir a Bahia para comprovar o que já sei. Mas como essa viagem não estava em meus planos, parei de pensar no assunto, até porque pra mim estava resolvido, três testes são suficientes.

Acontece que um tempo depois fui conhecer Salvador. Claro, acarajé não estava na minha programação. Sexta-feira à noite fomos ao Rio Vermelho, bares, muita gente, música, tudo muito bom. Mas lá estava ela: a barraca de acarajé! Várias. Perguntei ao garçom se o acarajé dali era bom.

- O melhor que há. E, aqui entre nós, naquela primeira barraca é feito o melhor dos melhores. - disse o jovem abrindo uma cerveja.

Me levantei, fui lá, cruzei quarenta e oito mesas, pedi desculpas três vezes por esbarrar nas pessoas e uma por pisar no pé de um cara bem maior que eu. Relutei uns minutos, tomei coragem, pedi. O acarajé veio que parecia um presente, este momento foi mais teatro que cinema. Acalmei a alma. Prefiri degustar na tranquilidade de minha mesa. Fiz o caminho de volta e não me desculpei com ninguém. Sentei, preparei o cenário, incluindo o guardanapo, a caneta e o copo nos ângulos certos, deveria ter fotografado. Apoteose! Vocês acham que gostei? Não! Sendo sincero foi o pior dos quatro.

As consequências vieram algumas horas depois, além de não apreciar o sabor (de novo e de novo e de novo), tive infecção intestinal, pensei que iria morrer. Longe do lar, talvez nem fosse enterrado na minha Paraíba. Me tranquei num quarto de hotel, ar condicionado desligado, paramentado com calça jeans, meias, camisa, casaco com capuz para esquentar as orelhas, encolhido embaixo do edredom, tremendo de frio, às vezes de medo. Quase fui internado e por pouco não perdi o voo de volta pra casa. Em consequência disso tudo, continuo comendo cachorro quente.

(Sobre o autor: Júlio César Ferreira Rolim, servidor do IFPB, Campina Grande - PB)

SUAS MEMÓRIAS, MINHAS MEMÓRIAS!

Maria Theresa Rangel

Ah, Carlinhos, quando te conheci, ainda menino, no engenho de José Lins do Rego, foi empatia instantânea. Suas aventuras se misturaram com as minhas próprias aventuras de menino do campo, e, quando você partiu para o internato, sua dor transformou-se em minha própria dor ao seguir o mesmo destino de estudar em uma cidade grande. Suas memórias são as minhas memórias.

De repente, Carlinhos, vejo-me transportado no tempo, chegando ao meu internato no Rio de Janeiro. Ah, Rio de Janeiro, te chamam de maravilhosa. Deves mesmo ser, com todas essas praias, montanhas, o verde do mar, o azul do céu. A janela do meu quarto é uma moldura perfeita para a tua natureza. Mas és muito grande! Sinto-me perdido no meio de tua gente. Os meninos se acham importantes porque são da cidade grande. Pensam que sabem mais do que nós, “matutos do Nordeste”. Coitados! Eles é que não sabem de nada, né verdade, Carlinhos? Não conhecem o cheiro da terra quente, molhada pela chuva. Não existe cheiro igual! Eles não sabem nem o que é “dar cangapé”, pensam que é palavrão. Pobres meninos da cidade! Jamais conhecerão a sensação de ser livre, montar a cavalo no osso, tomar banho ao meio-dia na água quente do poço, passar o dia com os pés descalços, comer fruta do pé, tomar leite direto do peito da vaca, acreditar em lobisomem, papafigo, burra-de-padre... São capazes até de trocar galinha por pato.

Ah, minha Paraíba! Em que canto vou te encontrar? Eu não pertenço a este lugar. Dizem que estou aqui para me tornar alguém, mas eu não quero me tornar alguém da cidade, eu quero me tornar alguém do campo. Eu quero estudar no campo, trabalhar no campo e me tornar “homem do campo”. Por que isso não é possível? Por que não podemos ter boas escolas no campo? “Menino da cidade” viraria “homem da cidade” e “menino do campo” viraria “homem do campo”. Simples assim! É que nós, do campo, somos simples assim mesmo. Não temos meia-conversa, disse-me-disse, é tudo preto no branco.

Moleque do Nordeste não é marginal, é gente simples, mas é gente muito decente. Ah, os moleques! O que estarão aprontando? Aposto que estão soltando pipa, brincando de pião, jogando castanha ou nadando no rio. Eita, não! Estamos na época das chuvas, então devem estar espreitando o rio para ver se vem cheia. Meu avô não gosta de cheias. Eu também não gosto, é muito triste, e quando o rio baixa, deixa lama por todo canto. Quando a cheia vem, arrasta tudo o que encontra no caminho.

Pobres meninos da cidade. Vivem trancados. Os vizinhos são desconfiados. Todo mundo tem medo de todo mundo. O relógio daqui parece que anda mais rápido, nunca dá tempo para nada. Ninguém pode parar no fim do dia para jogar conversa fora ou escutar uma

boa “História de Trancoso”. Os meninos da cidade grande não sabem o que é uma “História de Trancoso”. Você acredita, Carlinhos, que aqui não existe uma “velha Totonha”? Ninguém conta histórias como a velha Totonha. Que saudades de suas histórias, que sempre terminavam passando a vez para o próximo ou simplesmente “entrando por uma perna de pinto e saindo por uma perna de pato, seu rei mandou dizer que você contasse quatro”. Um dia, vou levar alguns colegas para conhecerem o campo, eles precisam saber o que é ser livre de verdade.

- Zezinho, o que você está fazendo aqui sozinho?

- Estou pensando, Joãozinho.

- Você só vive pensando com esse olhar de “doidinho”.

- Estou pensando na minha terra... Você quer ouvir uma “História de Trancoso”, Joãozinho?

- Lá vem você com suas esquisitices.

- Você vai gostar. É uma história sobre uma madrastra que enterrou sua enteada viva na beira do rio.

- Está bem.

- Era uma vez...

Carlinhos, ele não entendeu nada da história. Mas meninos da cidade grande são assim mesmo; eles não entendem bem as nossas histórias. Lembrei agora do seu amigo Coruja, mas isso é assunto para outra conversa, e mais outra conversa, e mais uma. Afinal, Carlinhos, as suas memórias são as minhas memórias.

(Sobre a autora: Maria Theresa Targino de Araújo Rangel, servidor do IFPB, João Pessoa - PB)



**Subcomissão responsável pelo acompanhamento e avaliação do 4º
concurso literário do IFPB – homenagem à Maria Valéria Rezende e
Kydelmir Dantas.**

Subcomissão

José Aldo Ribeiro da Silva (coordenador)

Cícero Luciano Felix

Cyran Costa Carneiro da Cunha

Deyseane Pereira dos Santos Araújo

Erivan Lopes Tomé Júnior

Francisca Luana Rolim Abrantes

Israel Niwton da Costa Pereira

Virna Lucia Cunha de Farias

**Lista de Avaliadores / Comissão Examinadora do 4º
Concurso Literário do IFPB**

José Aldo Ribeiro da Silva (coordenador)

Antônio Kydelmir Dantas de Oliveira (Homenageado e examinador
externo)

Cícero Luciano Felix

Deyseane Pereira dos Santos Araújo

Erivan Lopes Tomé Júnior

Francisca Luana Rolim Abrantes

Israel Niwton da Costa Pereira

José Aldo Ribeiro da Silva

Virna Lucia Cunha de Farias

Sob a lua cheia,
As flores do jasmineiro
Brilham como ela

Folha de outono
Desce, cai, se afoga
Numa poça d'água

Vem descendo a folha
Como quem dança uma valsa
Ao sabor do vento

Cinco fios elétricos
Partitura musical
Rolinhas são notas.

_ Maria Valéria Rezende

Um Concurso Literário
Contemplou eu e você,
Abrangeu a Paraíba,
Na internet se vê.
Crônicas, Contos, Poesia,
Juntas numa Antologia,
Que traz o IFPB.

_ Kydelmir Dantas

A 3ª Coletânea de Poesia, Cordel, Contos e Crônicas do IFPB é um encontro vibrante entre raízes e futuros, reunindo a força criativa de 40 autores que transformam o cotidiano, a memória e a imaginação em arte pulsante. Homenageando Maria Valéria Rezende e Kydelmir Dantas, a obra transita do lirismo à crítica social, do encanto do cordel às narrativas que fogem e retornam ao real. Cada página é uma descoberta: vozes jovens e experientes se entrelaçam para compor um mosaico literário que emociona, provoca e celebra a diversidade da palavra brasileira. Uma leitura que abraça sua terra, amplia horizontes e convida o leitor a sentir, pensar e se reconhecer.